

CRISTIANE DEGENHARDT COMANDOLI

**OS ATOS COMUNICATIVOS ENTRE BEBÊS E ADULTOS NO COTIDIANO DE
UMA CRECHE PÚBLICA**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós – Graduação
em Educação da Universidade do Estado de Santa
Catarina (UDESC), como requisito parcial à obtenção
do grau de Mestre em Educação.
Orientadora Prof^ª Dr^ª Julice Dias

**Florianópolis
2019**

Comandoli, Cristiane

Os atos comunicativos entre bebês e adultos no cotidiano de uma creche pública / Cristiane Comandoli. -- 2020.

91 p.

Orientador: Prof^a Dr^a Julice Dias

Dissertação (mestrado) -- Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, 2020.


1. bebê. 2. estratégias comunicativas. 3. linguagem. 4. creche. I. Dias, Prof^a Dr^a Julice. II. Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação. III. Título.

CRISTIANE DEGENHARDT COMANDOLI

**OS ATOS COMUNICATIVOS ENTRE BEBÊS E ADULTOS NO COTIDIANO DE
UMA CRECHE PÚBLICA**

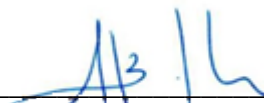
Dissertação apresentada ao Curso de Pós – Graduação em Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Educação.

Banca Examinadora:

Orientadora: 

(Pro^a Dr^a Julice Dias)
UDESC

Membros:



(Prof^a. Dra. Alba Regina Battisti de Souza)
UDESC



(Prof^a. Dra. Luciane Maria Schlindwein)
UFSC

Florianópolis, 14/10/2019

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus que fez com que todas as coisas ao meu redor funcionassem e favorecessem meu ingresso e permanência no Mestrado. Ele quem me protegeu nas idas e vindas, nas viagens, nos estudos, na proteção dos meus filhos quando eu não estava presente. Foi Deus quem iluminou meus caminhos e colocou pessoas importantes nesta caminhada, guiou-me nas escolhas e decisões, ouviu minhas preces, me fez quem eu sou...

Agradeço aos meus filhos Vitor e Alice que mais sentiram minha ausência, peço – lhes desculpas e espero que possa ser exemplo de determinação e persistência para vocês.

Agradeço aos meus familiares pela compreensão nos dias difíceis que passei e que sem muitas explicações me retive.

À orientadora Julice Dias que me impôs a capacidade de leitura e conhecimento na área da Pedagogia, desafiando-me a aventurar-se no mundo encantador das crianças, descobrindo como é importante reconhecê-las como seres em transformação e desenvolvimento.

Aos bebês pesquisados que mesmo sem saber, oportunizaram momentos incríveis e inesquecíveis através das observações e relatos. Aos familiares dos bebês, à Creche Municipal, por facilitar meu acesso à Instituição e realizar a pesquisa. Às professoras do berçário que carinhosamente cuidam dos bebês e por aceitarem que eu as observasse no período da pesquisa.

À escola onde trabalho, professores e amigos que ouviram constantemente a frase “– Preciso estudar – Tenho que ler!” Aos alunos que acompanharam minha trajetória acadêmica encontrando sobre minha mesa vários livros e textos escritos, compreendendo no dia a dia o quanto é importante estudar.

Aos amigos e professores que colaboraram para que fosse possível alcançar os objetivos, que ouviram meus desabafos.

À Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC, que me acolheu como acadêmica vinda de uma universidade e cidade tão distante. Adentrei na instituição de uma maneira e hoje ao concluir me sinto lisonjeada de ter estudado e feito parte dela, ter colaborado com minha pesquisa na área da Educação.

RESUMO

O presente estudo tem como objeto de investigação as estratégias comunicativas dos bebês no dia a dia educativo de uma creche pública. Insere-se no Grupo de Pesquisa em Educação Infantil (GEDIN), vinculado ao Laboratório de Educação e Infância (LABOREI) e à Linha de Pesquisa Políticas, Ensino e Formação do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE). Tem – se como objetivos da pesquisa: conhecer e analisar as estratégias comunicativas que os bebês utilizam para comunicar-se entre si e com os adultos; descrevendo como agem e reagem a partir da intervenção pedagógica das professoras durante as brincadeiras e as atividades rotineiras. A pesquisa foi realizada em uma turma onde estão matriculados 08 bebês, com idades de quatro meses a um ano e onze meses e duas professoras. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório, utilizando registros videográficos, fotográficos e também anotações em diário de campo, resultantes de observações *in loco*. Ancora – se conceitualmente nos estudos de Bakhtin, Vygotsky.

Palavras-chave: Bebê. Estratégias Comunicativas. Linguagem. Creche.

ABSTRACT

The following study has as investigation purpose the communicative acts from babies in an educative daily basis in a public day care center. It is part of the Research Group on Early Childhood Education (GEDIN), linked to the Laboratory of Education and Childhood (LABOREI) and the Policy Research, Education and Training Program of the Graduate Program in Education (PPGE). The objectives of research are: get to know and analyze the communicative acts that babies utilize to communicate among themselves and with adults, describing how babies act and react based on the pedagogical intervention from teachers during child's play and routine activities. The research will be done in a class where ten babies from four months to a year and eleven months of age are registered. It is a qualitative research of exploratory feature, with ethnographic inspiration using videographic and photographic register and also notes from field journal gathered from *in loco* observations. Conceptually establishes itself on the studies of Bakhtin, Vygotski.

Keywords: Babies. Communicative Acts. Language. Early Childhood Education.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1.1 – Base de dados / * portal de periódicos capes / ** catálogo de teses e dissertações capes	16
Quadro 1. 2 – Tipos selecionados da Base de Dados CAPES –.....	17
Quadro 1. 3 – Tipos selecionados da Base de Dados Periódicos CAPES – Catálogo de Teses e Dissertações CAPES	17
Quadro 2 – Base de dados SciELO - portal da scientific electronic library online (SciELO) .	18
Quadro 3 – Base de dados biblioteca digital brasileira de teses e dissertações - BDBTD.....	18
Quadro 3. 1 – Tipos selecionados da BDBTD-.....	19

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Catálogo de Teses e Dissertações Capes - Dissertações	19
Figura 2 – Catálogo de Teses e Dissertações Capes – Teses	20
Figura 3– Artigos Periódicos / SciELO – 2007-2017.....	20
Figura 4 – referente à cena 1	41
Figura 5 – referente à cena 3	46
Figura 6 – referente à cena 5	49
Figura 7 – referente à cena 8	52
Figura 8 – referente à cena 12	59
Figura 9 – referente à cena 16	65
Figura 10 – referente à cena 17	66
Figura 11 – Cenas de interação na sala do berçário	67

LISTA DE CENAS

Cena 1 (Continua).....	39
Cena 1 (Conclusão)	39
Cena 2.....	42
Cena 3 (Continua).....	43
Cena 3 (Conclusão)	40
Cena 4 (Continua).....	46
Cena 4 (Conclusão)	43
Cena 5.....	48
Cena 6 (Continua).....	49
Cena 6 (Conclusão)	46
Cena 7.....	51
Cena 8.....	52
Cena 9.....	53
Cena 10.....	54
Cena 11.....	56
Cena 12.....	58
Cena 13.....	60
Cena 14 (Continua).....	61
Cena 14 (Conclusão)	58
Cena 15.....	63
Cena 16.....	64
Cena 17.....	66

LISTA DE SIGLAS

BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
Capes	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal em Nível Superior
CEPSH	Conselho de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos
CONEP	Comissão Nacional de Ética em Pesquisa
DCNEIS	Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil
FACISA	Faculdade de Ciências Sociais e Aplicadas
Faed	Centro de Ciências Humanas e da Educação
GEDIN	Grupo de Pesquisa em Educação Infantil
PPGE	Programa de Pós-Graduação em Educação
PPP	Projeto Político Pedagógico
SciElo	Portal da Scientific Electronic Library on line
TECLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
Udesc	Universidade do Estado de Santa Catarina
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UNIDAVI	Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

SUMÁRIO

1 O ESTUDO E SEU CONTEXTO	12
1.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	21
1.1.1 Contextualização do campo de pesquisa	21
1.1.2. Questões de pesquisa	23
1.1.3 Objetivo Geral	23
1.1.3.1 Objetivos Específicos	23
2 ENREDO 1. A IMPORTÂNCIA DAS INTERAÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO DAS ESTRATÉGIAS COMUNICATIVAS	26
3 ENREDO 2. AS ESTRATÉGIAS COMUNICATIVAS DOS BEBÊS EXPRESSOS NA BRINCADEIRA	32
3.1 A ESPECIFICIDADE DA DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL PARA E COM OS BEBÊS	34
3.2 A BRINCADEIRA: POTENCIAL PARA DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM	37
4 ENREDO 3. DISCUSSÃO E ANÁLISE DAS ESTRATÉGIAS COMUNICATIVAS NO COTIDIANO VIVIDO POR BEBÊS E ADULTOS	39
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	69
REFERÊNCIAS	73
ANEXOS	76

AINDA UMA VEZ...

Culpa e felicidades manifestam – se na vida das crianças com mais pureza do que mais tarde, pois todas as manifestações da vida infantil não pretendem outra coisa senão conservar em si os sentimentos essenciais.

Walter Benjamin

1 O ESTUDO E SEU CONTEXTO

O interesse pela pesquisa surgiu a partir da inquietação em entender as diferentes estratégias comunicativas dos bebês, haja vista que eles ainda não utilizam da linguagem verbal e sim outras formas de expressão no cotidiano da creche.

Para Bakhtin (2010) a linguagem constitui-se nas relações sociais, na medida em que ganha forma e sentido em processos interativos. A linguagem é, pois, elemento fundante e estruturante para que o ato comunicativo ocorra. Só há estratégia comunicativa entre eu e o outro.

Neste trabalho entende-se por comunicação o processo onde algo ou alguém se faz entender por meios verbais ou não verbais. Segundo Bakhtin (2010), trata – se de um processo constante e complexo, o qual se pratica culturalmente por meio de estratégias impulsionadas por pensamentos, desejos e a necessidade de externa-los a outrem. A comunicação é uma forma importante de relação, de criar laços com as pessoas, faz com que o ser humano possa evoluir e modificar o mundo que o cerca. Consideramos que os bebês, na condição de crianças de ainda muito pouca idade, são também indivíduos do nosso meio social, com direitos fundamentais, dentre eles, o direito de se comunicar, ser ouvido, serem auscultados, serem respeitados. Portanto, é de tal relevância que se conheça e compreenda as estratégias comunicativas dos bebês no interior das relações que se constroem no cotidiano da creche.

No decorrer da rotina diária, nos diferentes momentos em que a professora entra em contato com o bebê, ela está contribuindo para que ele desenvolva sua comunicação. Um relacionamento seguro e estável entre eles pode desenvolver a autonomia, estabelecer vínculos, confiança, ampliar as estratégias comunicativas que promovem diferentes estilos de interação.

Nas interações os bebês buscam o diálogo com a professora e com seus pares, e passam a perceber o outro como não partem de si, eles se reconhecem, e nessa

comunicação percebem que suas ações têm efeito sobre o outro, possibilitando uma compreensão intelectual, mantendo uma sincronia entre ambos, e no decorrer do tempo, esse processo comunicativo vai ficando cada vez mais complexo, tornando – se refinado, constituindo um repertório com estratégias comunicativas que funcionam e não funcionam em determinadas situações vividas no ambiente da creche, onde cada gesto de um bebê pode significar muito. Com o passar do tempo este bebê vivenciará muitas experiências, estabelecerá vínculos, criará formas afetivas entre ele e a professora, entre seus pares, expressará suas intenções, manifestará suas vontades, seus sentimentos, desenvolverá compreensão intelectual e autonomia. É nas e pelas relações sociais que o bebê vai gradativamente estruturando as formas de estabelecer diferenciação entre o eu e o nós-eles (ELIAS, 1994).

Somos de opinião que crianças desde cedo são capazes de estabelecer vínculos de confiança com as pessoas de seu entorno e isso as ajuda a demonstrar maior segurança em suas estratégias.

Quando o bebê inicia seu percurso na creche, o primeiro diálogo que inicia com a professora é o diálogo tônico, portanto, uma comunicação infra verbal (NEGRINE, 2010).

Entendemos que a creche configura-se como espaço social privilegiado para as interações ampliadas e qualificadas da criança, desde seus primeiros meses de vida. Logo, significa um lugar para constituição da linguagem, pelas possibilidades criadas pedagogicamente para ampliar o repertório cultural das crianças.

Nesse jogo interativo em que os bebês se iniciam tão cedo, consideramos que a brincadeira pode ser tomada como ato comunicativo por excelência. Os primeiros movimentos das crianças, seus sorrisos, seus olhares em busca de objetos, representam não só estratégias brincantes, como também estratégias comunicativas para representar o que desejam o que sentem o que precisam, e apresentam-se assim como aspectos a serem observados atentamente pelas professoras. A brincadeira assim assume um caráter de ato comunicativo. Ela expressa, portanto, sentimentos, ações, necessidades, buscas de si e do outro.

Nesse sentido, compreendemos a brincadeira como promotora da linguagem. Como forma de expressão. Ancoradas nos estudos de Vygotsky (1991) e de Bakhtin (2010), neste trabalho tomamos como objeto de estudo a linguagem e como unidade de análise as estratégias comunicativas dos bebês com adulto-professoras, durante a brincadeira e as atividades rotineiras no interior da creche.

Tomando como ancoragem conceitual este arcabouço, partimos do suposto de que a professora precisa ter uma atitude colaborativa, de reciprocidade e dialogicidade quando interage com os bebês, pois são muitos os fatores envolvidos nessa relação. Cotidianamente os bebês agem buscando comunicação, eles querem ser compreendidos, atendidos, cuidados.

Na pesquisa ora em tela, são observadas as estratégias comunicativas dos bebês com os seus pares e com as professoras da creche, a partir das brincadeiras e interações durante as atividades rotineiras. Nossa experiência como docente, e também os estudos que temos desenvolvido no Mestrado nos ajudam a compreender que as estratégias comunicativas dos bebês se manifestam por diferentes manifestações expressivas.

Alguns estudos¹ nos inspiraram para realizar este trabalho. A pesquisa de Salazar (2016) aborda como objetivo central; investigar a prática pedagógica das professoras e as possíveis relações dialógicas presentes na comunicação e nas brincadeiras estabelecidas nas interações entre crianças e adultos no cotidiano da creche. A pesquisadora explora a brincadeira como forma de linguagem e comunicação. A pesquisa de Daniela Guimarães (2008) apresenta um estudo tratando das relações entre crianças e adultos no berçário, com o objetivo de conhecer e compreender as crianças e suas relações consigo mesmos e com os outros, analisando as expressões, as formas de cooperação e os modos de relação dos bebês com o ambiente que os cercam.

Estudos como os de Guimarães (2008) e Salazar (2016) indicam que a observação e o acompanhamento da rotina na creche devem ser constantes para que se conheça e compreenda em diferentes momentos as formas de comunicação que os bebês utilizam para atingir seus objetivos comunicativos no cotidiano institucional, seja na hora da alimentação, brincadeira, da troca de fraldas, na música, na história contada, enfim, nas interações que ocorrem frequentemente durante o período em que permanecem na instituição de Educação Infantil.

A tese de doutorado de Coutinho (2010) tem como tema as ações sociais dos bebês no contexto da creche. Objetivou conhecer o modo como ocorrem às ações sociais dos bebês, por meio de uma pesquisa etnográfica, relacionando a elaboração

¹ CASTRO, Joselma Salazar. A docência na educação infantil como ato pedagógico, 2016. SCHMITT, Rosinete. Valdeci. As relações sociais entre professoras, bebês e crianças pequenas: contornos da ação docente. 2014. COUTINHO, Ângela Maria Scalabrin. A ação social dos bebês: um estudo etnográfico no contexto da creche. 2010. GUIMARÃES, Daniela. Relações entre crianças e adultos no berçário de uma creche pública na cidade do Rio de Janeiro: técnicas corporais, responsividade, cuidado. 2008.

cultural, recorrente às brincadeiras, ao corpo, à dimensão social e à expressividade dos bebês nas relações com seus pares.

Os estudos que analisamos indicam que a aquisição da linguagem começa muito antes das primeiras palavras que a criança pronuncia.

Mantovani (2000, 2014) mostra em suas pesquisas que a quantidade e a qualidade das interações entre adulto e bebês, assim como a riqueza do ambiente e dos materiais são aspectos decisivos para que o bebê desenvolva plenamente sua competência linguística. A autora destaca também que a razão adulto-criança, os equipamentos e materiais que explorem habilidades sensoriais, motoras e cognitivas são tão importantes quanto à natureza e qualidade da interação do adulto com o bebê. Destaca que a manutenção dos mesmos adultos no cotidiano da creche, por tempos de longa duração é também fator crucial para a segurança emocional dos bebês, fator que interfere substancialmente na aquisição da linguagem.

Ao realizar uma busca por pesquisas desenvolvidas no campo da Educação Infantil, mais especificamente com bebês, nota – se a escassez de trabalhos em âmbito nacional, percebendo assim a maior necessidade em desenvolver pesquisas que envolvam os bebês; com objetivo de melhor conhecê-los e compreendê-los em nível institucional. Pesquisar a infância e os bebês, parece se tornar um desafio ainda maior para o pesquisador. Pois historicamente, esta foi uma faixa etária muito preterida no campo da pesquisa educacional. Conforme mostramos a seguir, pelo levantamento em banco de pesquisas e publicações que realizamos.

Balanco de pesquisa bibliográfica sobre bebês a nível nacional / Um Balanço Bibliográfico sobre pesquisas realizadas nos períodos 2007 – 2017.

Para selecionar e filtrar os títulos da pesquisa foi utilizado às palavras – chave – descritores relacionados com o tema da pesquisa que são: *comunicação – bebê – creche*, também em um segundo momento foram selecionados trabalhos com os filtros dos descritores: *comunicação – bebês – docência – interação- creche*, por área de conhecimento na Educação, com recorte temporal nos anos de 2007 a 2017, visto que são pesquisas mais recentes a qual busca observar a criança em seu contexto infantil, não só com foco no cuidar, mas também no educar, o que ainda percebe – se resistência por parte de docentes que atuam na Educação Infantil, em berçários, tendo como público os bebês.

A pesquisa do balanço buscou selecionar trabalhos acadêmicos como: artigos, dissertações e teses, as fontes e base de dados foram: Capes Periódicos, Catálogos de

Teses e Dissertações – Capes SciELO Portal da Scientific Electronic Library Online – para artigos, e a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD).

Quadro 1. 1- Base de dados / * portal de periódicos capes / ** catálogo de teses e dissertações capes

DESCRITORES 1	TIPO	ENCONTRADOS	SELECIONADOS
Comunicação – bebê – creche	ARTIGO *	52	02
Comunicação – bebê – creche	DISSERTAÇÃO **	4915	02
Comunicação – bebê – creche	TESE **	640	01
DESCRITORES 2			
Comunicação – bebê – interação - creche	DISSERTAÇÃO **	1153	01
TOTAL		6760	06

Fonte: Elaborado pela autora, 2018, a partir da base de dados da Capes.

Em um primeiro momento para selecionar os conteúdos acima, foram realizadas pesquisas com os descritores 1 *comunicação- bebê – creche*, pelo Portal de periódico da Capes, onde foram encontrados 52 artigos relacionados ao tema da busca, e após o filtro, educação, recorte temporal, títulos e leitura dos resumos, foram selecionados 02 destes artigos. Encontramos 4915 dissertações, das quais 02 foram selecionados. 640 teses, sendo 01 selecionada.

Após este levantamento, partiu – se para a segunda busca, mudando os descritores 2, que são; *comunicação – bebês – interação – creche*, mas mantendo – se o mesmo filtro; área do conhecimento: Educação, recorte temporal: 2007-2017. Porém, alguns trabalhos foram encontrados somente com datas até 2012. Desta pesquisa resultaram 1153 dissertações com 01 selecionada. A quantidade foi grande de trabalhos encontrados, mas logo ao iniciar a leitura e filtrar títulos e resumos dos mesmos, observa – se que os descritores selecionados tomavam outro rumo na pesquisa, focando em assuntos relacionados também com a Educação, comunicação, bebês, interação, mas com pesquisas voltadas à área materna, deficiência, inclusão, audição, jogos, brincadeiras, tecnologias, identidade, internet, enfermagem, psicologia, sociologia, filosofia, etc.

Quadro 1. 2 - Tipos selecionados da Base de Dados CAPES –
Descritores 1: Comunicação – bebês - creche

ANO	TÍTULO	AUTOR	INSTITUIÇÃO	TIPO
2011	O Corpo e a ação social de bebês na creche.	Angela Maria Coutinho Scalabrin.	Publicado em: Poiésis	Artigo
2012	Processos Interativos de Bebês em Creche	De Souza Amorim, Katia; Mara Dos Anjos, Adriana; Clotilde Rossetti - Ferreira, Maria.	Psicologia: Reflexão e Crítica	Artigo
2011	A constituição da linguagem e as estratégias de comunicação dos e entre os bebês no contexto coletivo da educação infantil.	Joselma Salazar de Castro	UFSC Universidade do Estado de Santa Catarina	Dissertação
2008	Mas eu não falo a língua deles! As relações sociais de bebês num contexto de educação infantil.	Rosinete Valdeci Schmitt	UFSC Universidade do Estado de Santa Catarina	Dissertação
2014	As relações sociais entre professoras, bebês e crianças pequenas: contornos da ação docente.	Rosinete Valdeci Schmitt	UFSC Universidade do Estado de Santa Catarina	Tese

Fonte: Elaborado pela autora, 2018, a partir da base de dados da Capes.

Com relação aos tipos selecionados para os descritores 1, somam 02 artigos, 02 dissertações e 01 tese, as quais foram desenvolvidas por pesquisadoras do Estado de Santa Catarina, pela Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC – entre os anos de 2008 e 2016.

Quadro 1. 3 Tipos selecionados da Base de Dados Periódicos CAPES – Catálogo de Teses e Dissertações CAPES

Descritores 2: Comunicação – bebês – interação – creche

ANO	TÍTULO	AUTOR	INSTITUIÇÃO	TIPO
2008	Relações entre adultos e crianças no berçário de uma creche pública na Cidade do Rio de Janeiro: técnicas corporais, responsividade, cuidado.	Daniela de Oliveira Guimarães	PUC Pontifícia Universidade Católica Do Rio De Janeiro	Dissertação

Fonte: Elaborado pela autora, 2018, a partir da base de dados da Capes.

Para os tipos selecionados dos descritores 2, somam; 01 dissertação. Os descritores e os títulos tratam sobre bebês e a comunicação, porém, estes títulos levam a assuntos na Educação Infantil, creches, berçários, e não diretamente ao termo comunicação.

Quadro 1 - Base de dados SciELO - portal da scientific electronic library online (SciELO)

DESCRITORES 1	TIPO	ENCONTRADOS	SELECIONADOS
Comunicação – bebê – creche	ARTIGO	101	0
DESCRITORES 2			
Comunicação – bebê – interação - creche	ARTIGO	09	0
TOTAL:		110	0

Fonte: Elaborado pela autora, 2018, a partir da base de dados da SciELO - portal da Scientific Electronic Library Online.

Para descritores 1 foram encontrados 101 artigos e nenhum selecionado, pelo fato que se distanciam do tema da pesquisa, não tratando daquilo que interessaria. Considerando as relações no primeiro ano de vida, a abreviação da comunicação é entendida como processo em que elementos negociados aparecem, gradativamente, de forma abreviada nas interações. Esse processo tem sido estudado, fundamentalmente, em relações mãe-bebê, mas focando docente- bebê não é encontrado trabalhos de pesquisa. Ao se tratar do assunto bebê e comunicação, vários artigos na SciELO aparecem referindo a algum tipo de deficiência auditiva, visual, sonora, ou até mesmo física. Ao colocar os descritores: *comunicação, bebês, creche, interação, e professor*, não aparecem nenhum item, nada é encontrado.

Para descritores 2 foram encontrados 09 artigos no Portal SciELO e nenhum selecionado.

Quadro 2 - Base de dados biblioteca digital brasileira de teses e dissertações - BDBTD

DESCRITORES 1	TIPO	ENCONTRADOS	SELECIONADOS
Comunicação – bebê – creche	DISSERTAÇÕES	79	0
Comunicação – bebê – creche	TESES	01	01
DESCRITORES 2			
Comunicação – bebê – interação - creche	DISSERTAÇÕES	06	0
Comunicação – bebê – interação - creche	TESES	02	0
TOTAL		88	01

Fonte: Elaborado pela autora, 2018, a partir da base de dados BDBTD.

Ao pesquisar e filtrar títulos e recorte temporal na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações BDBTD, para os descritores 1 foram encontradas 79 dissertações com nenhuma selecionada e 01 tese e a mesma selecionada. Para descritores 2 foram encontradas 06 dissertações e nenhuma selecionada, e 02 teses e também nenhuma selecionada.

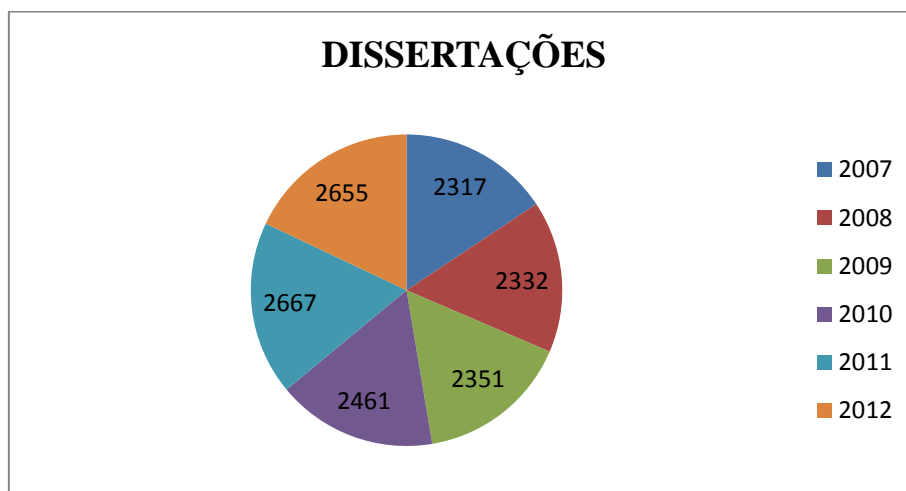
Quadro 3. 1 - Tipos selecionados da BDBTD-
Descritores 1 – *comunicação – bebês - creche*

ANO	TÍTULO	AUTOR	INSTITUIÇÃO	TIPO
2016	A docência na educação infantil como ato pedagógico	Joselma Salazar de Castro.	UFSC Universidade do Estado de Santa Catarina	Tese

Fonte: Elaborado pela autora, 2018, a partir da base de dados BDBTD.

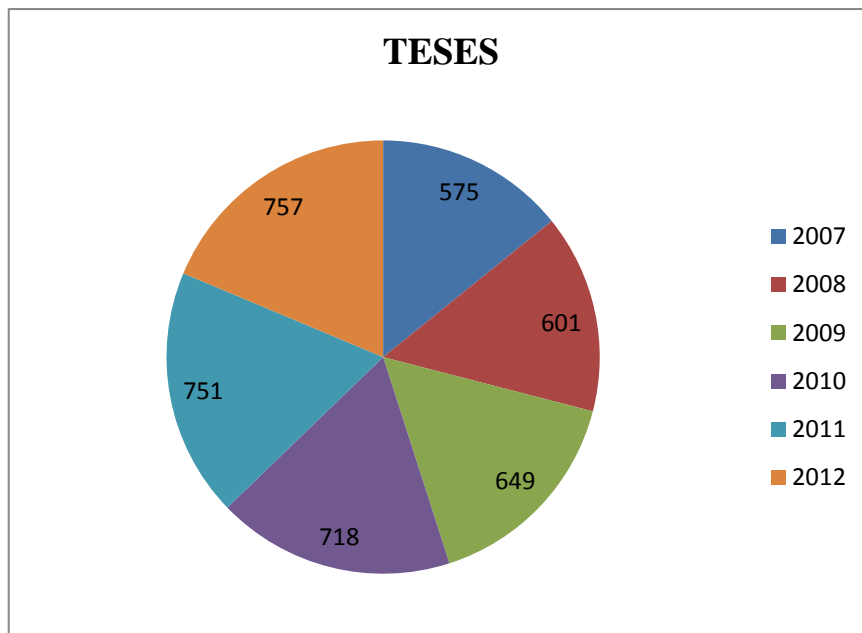
Neste levantamento percebemos que pouco fala – se em comunicação e interação, esta última, volta – se para a área da psicologia e sociologia, cultura na qual a criança está inserida, desenvolvendo – se poucas, ou quase que nenhuma pesquisa que tenha foco na comunicação dos bebês e seu significado perante as múltiplas formas utilizadas por eles para atingirem a compreensão do adulto que o cerca. Ao tomar conhecimento sobre a quantidade de pesquisas acadêmicas realizadas nos últimos 10 anos sobre bebês e Educação Infantil, na área da Educação, em nível nacional, obtiveram- se os seguintes resultados, pesquisando no portal da Capes em Catálogo de Teses e Dissertações, e também na SciELO.

Figura 1 – Catálogo de Teses e Dissertações Capes - Dissertações
Descritores – *bebês e Educação Infantil*



Fonte: Elaborado pela autora, 2018, a partir Capes – Teses e Dissertações.

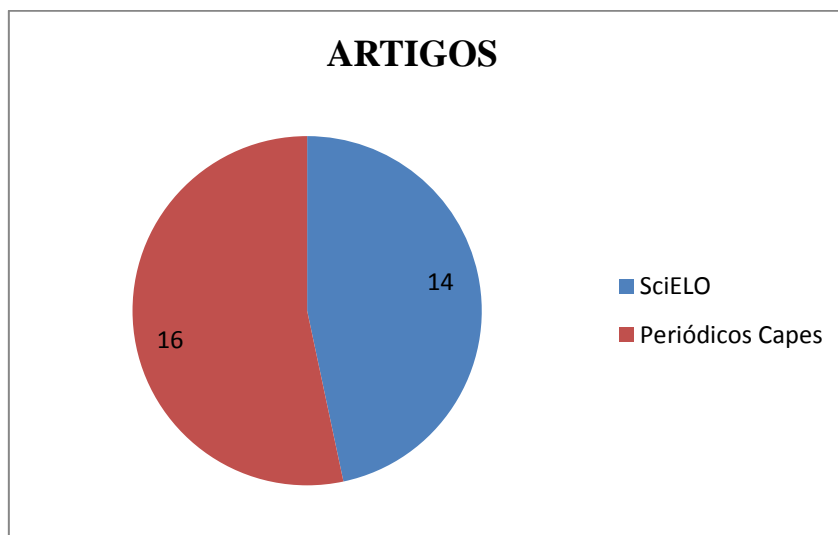
Figura 2- Catálogo de Teses e Dissertações Capes – Teses
 Descritores: *bebês – Educação Infantil*



Fonte: Elaborado pela autora, 2018, a partir Capes – Teses e Dissertações.

Com relação a artigos publicados em periódicos, encontramos o seguinte cenário:

Figura 3– Artigos Periódicos / SciELO – 2007-2017
 Descritores: *bebês – Educação Infantil*



Fonte: Elaborado pela autora, 2018, a partir SciELO.

Também com os filtros em Educação, nos anos de 2007 a 2017, utilizando os descritores; *bebês e Educação Infantil* obtivemos o resultado acima, onde percebe-se determinada carência de artigos quando se trata do assunto sobre bebês.

Acreditamos que ao realizar nosso estudo nos aproximamos mais e melhor desse universo infantil, ainda com muitas questões a investigar. Durante a pesquisa, nosso maior receio foi interagir com um campo que a rigor não nos pertence. Um território por nós desconhecido. E que de certa forma, embora tivéssemos autorização das famílias e da instituição, mas não tínhamos dos bebês. Então, de certo modo, nos sentimos um pouco intrusos. Ainda mais que utilizamos neste espaço instrumentos de pesquisa, tais quais, câmera fotográfica e de vídeo, que querendo ou não, acabam por certo em invadir não só o espaço, como o próprio jogo interativo entre bebês e entre bebês e adultos. Dias e Santos (2013) esclarecem que a pesquisa envolvendo crianças bem pequenas passa a ser uma “forma-limite”, ou seja, o pesquisador precisa se inserir e se distanciar. Seria o lugar distante, fora do espaço rotineiro, importante de ser compreendido e ocupado pelo pesquisador, durante a apreensão e análise de dados.

1.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

1.1.1 Contextualização do campo de pesquisa

O estudo ora em tela trata de uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório. Tem como universo da pesquisa um grupo de 08 bebês e 02 professoras de uma creche pública municipal localizada no interior do Estado de Santa Catarina, situada na Estrada Geral Barrinha, sem número, bairro Centro. Destina-se ao atendimento de crianças de quatro meses a cinco anos de idade. O Centro de Educação Infantil oferece às crianças lá matriculadas atendimentos parciais e ou integrais. A divisão de turmas obedece ao agrupamento etário, assim distribuído: Berçário - 04 meses a 01 ano e 11 meses, Maternal I - 02 anos a 02 anos e 11 meses, Maternal II - 03 anos a 03 anos e 11 meses, Pré I - 04 anos a 05 anos, Pré II - 05 anos a 06 anos.

O Centro de Educação Infantil funciona das 7h às 17h30min. O número de crianças atendidas soma um total de 130, porém, no Berçário, onde a pesquisa ocorreu, somam – se no período matutino 13 crianças e no vespertino, 14 crianças. Com relação ao número de profissionais, esses estão assim distribuídos: Recreadoras - 09 efetivas; Professoras - 07 efetivas e 04 contratadas, Direção: 01, e Assistente de Direção: 01. Deste total, 10 profissionais possuem licenciatura em Pedagogia e pós- graduação na área da Educação, e as demais possuem Ensino Médio completo.

Segundo o Projeto Político Pedagógico da Unidade, O Centro de Educação Infantil tem por finalidade promover o desenvolvimento integral da criança de 04 meses a 05 anos (completos até 31/03 a partir de cada ano letivo), ou até os 6 anos, observados em cada caso, a legislação e as normas especificamente aplicáveis, complementando a ação da família e da comunidade, bem como, atender ao disposto no Estatuto da Criança e do Adolescente, na Constituição Federal, Estadual, Lei Orgânica do Município, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e, ao Sistema Municipal de Ensino.

Afirma ainda o Projeto Pedagógico que a instituição tem por objetivo geral assegurar à criança atividades curriculares proporcionando condições adequadas para promover o bem-estar e o seu desenvolvimento, em seus aspectos físico, psicológico, afetivo, intelectual, linguístico, moral e social, mediante a ampliação de suas experiências de conhecimento pessoal e de mundo. Apresenta ainda como metas: “I – igualdade de condições para acesso e permanência no Centro de Educação Infantil, vedada qualquer forma de discriminação e segregação; II – liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a arte e o saber; III - gratuidade do ensino; IV – valorização dos profissionais da educação; V – gestão democrática e colegiada da instituição educativa infantil, mediante regulamentação; VI – garantia de uma educação básica unitária; VII – promover o desenvolvimento integrado do educando inserido no ambiente educativo.” (PPP, 2018).

É nesse cenário que se desenvolveu o presente estudo. O critério de seleção da instituição para realização da pesquisa deu-se em virtude de ser uma Unidade situada na região central do município, contando com o maior número de profissionais e crianças matriculadas. Também se utilizou como parametrização para a escolha, o fato da titulação das professoras que lá atuam.

Das 14 crianças que frequentam o Berçário, selecionamos 8, por regime de sorteio.

O fato de termos escolhido 8 crianças foi fundamentado nos estudos de Dias (2003), Bhering e Dias (2004), que afirmam que em pesquisas que envolvem a captação por imagem, áudio ou anotações de diário de campo que objetivem retratar cenas do cotidiano, é recomendável que não ultrapasse agrupamentos de 6 a 8 crianças.

Os procedimentos metodológicos de videografia, gravação em áudio, fotografias e registros em diário de campo, foram realizados na sala referência do Berçário, no refeitório e também no espaço externo da Unidade.

Neste cenário e com estes procedimentos, o que nos inspirou para realização do estudo foram as seguintes questões norteadoras:

1.1.2. Questões de pesquisa

Conforme já sinalizamos neste texto, quando apresentamos o estudo e seu contexto, pretendemos compreender como os bebês se comunicam no interior da creche. Para tanto, nossas questões de pesquisa foram:

1. Que estratégias comunicativas os bebês empreendem para tomar parte no cenário em que se desenrola o cotidiano institucional?
2. Como dele participam?
3. Quais estratégias comunicativas os bebês utilizam para comunicar – se entre si e com os adultos no contexto da creche?
4. Como agem e reagem diante das interações e intervenções dos adultos durante a brincadeira e as atividades rotineiras?

Para responder a estas questões, construímos como objetivos:

1.1.3 Objetivo Geral

Conhecer e analisar as estratégias comunicativas que os bebês utilizam para comunicar-se entre si e com os adultos durante a brincadeira e as atividades rotineiras.

1.1.3.1 Objetivos Específicos

- Identificar as estratégias comunicativas que os bebês utilizam para se expressar no dia a dia educativo da creche;
- Descrever como agem e reagem os bebês a partir da intervenção pedagógica da professora nos momentos interativos que constituem as atividades rotineiras e a brincadeira.

Nesta pesquisa de caráter qualitativo e natureza exploratória, tomamos como inspiração estudos etnográficos, embora não possamos afirmar, pela brevidade do estudo, que se trata de uma pesquisa etnográfica.

Tomando como referência as questões de pesquisa e os objetivos pretendidos, realizamos observações *in loco*, onde efetuamos notas em diário de campo e registros fotográficos. Utilizamos também recursos da videografia, para capturar as cenas em que as estratégias comunicativas entre bebês e adultos e também bebês e bebês (DIAS, 2003). Desta forma, “os dados recolhidos são designados por qualitativos, o que significa dizer, ricos em pormenores descritivos relativamente a pessoas, locais e conversas, e de complexo tratamento estatístico” (BOGDAN e BIKLEN, 1994, p. 16). Esses dados são geralmente recolhidos em contextos naturais, sem necessariamente se levantar ou tentar comprovar hipóteses ou medir variáveis, buscando apreender as diversas perspectivas dos sujeitos e os fenômenos em sua complexidade e dados.

Na abordagem qualitativa é o investigador quem frequenta os locais em que naturalmente se verificam os fenômenos nos quais está interessado, incidindo os dados recolhidos nos comportamentos naturais das pessoas (BOGDAN e BIKLEN, 1994) e em suas interações com o meio e os demais, onde constroem seus repertórios de significados. Assim, o método qualitativo tem sido amplamente utilizado nas pesquisas educacionais, notadamente naquelas que envolvem diretamente o ambiente escolar e seus sujeitos, contribuindo para evidenciar a relação nas cenas do ritual cotidiano. No caso da investigação qualitativa, uma de suas características é a preocupação com o processo e não com o produto final.

O pesquisador se coloca em contato direto com o local de sua pesquisa, observa, anota na busca por produzir dados. Deve preocupar-se com os contextos e ver no cotidiano a possibilidade de “pescar” sentidos, de olhar com olhos de surpresa, mesmo aquilo que poderia parecer trivial a muitos. No que tange à descrição, ainda que os dados sejam recolhidos-elaborados por meio de imagens ou vídeos, eles são transcritos e apresentados sob a forma narrativa, descritiva, no sentido de dar coerência aos dados, descortinar aspectos relevantes, respeitando sempre as falas e pontos de vista dos sujeitos envolvidos na pesquisa. O pesquisador necessita ter ouvido sensível para ouvir os silêncios, olhos de enxergar expressões aparentemente banais. Perscrutar sentidos, sentimentos e expectativas sem, contudo, deixar de

lembrar que o objetivo fundamental de sua interpretação é elaborar conhecimento, ou gerar teoria, segundo a perspectiva de González Rey (2002).

É nessa perspectiva que, após ter recebido autorização da unidade educativa para realização da pesquisa e após ter cumprido todos os ritos institucionais necessários ao Comitê de Ética, realizamos o presente estudo. Nossa inserção no campo ocorreu semanalmente, com 04 horas diárias no período vespertino, por um tempo de 02 meses. Nossas lentes estavam focadas nomeadamente na brincadeira auto-organizada ou coordenada pelas professoras e nas atividades rotineiras, a saber: tempos de sono, alimentação e de higiene, distribuídas na rotina diária.

A presente dissertação está estruturada em enredos. Escolhemos a expressão “enredo”, por entender que o texto é vivo, é fluido, segue um fluxo, tem seu movimento interno. Dessa forma, no primeiro Enredo, discutimos a importância das interações para a constituição das estratégias comunicativas dos bebês.

No segundo Enredo, discutimos as estratégias comunicativas nesses contextos manifestos na brincadeira.

O Enredo 3 trata da discussão e análise. E por fim, apresentamos as considerações finais.

2 ENREDO 1. A IMPORTÂNCIA DAS INTERAÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO DAS ESTRATÉGIAS COMUNICATIVAS

A linguagem surge inicialmente como um meio de comunicação entre a criança e as pessoas em seu ambiente. Somente depois, quando da conversão em fala interior, ela vem a organizar o pensamento da criança, ou seja, torna-se uma função mental interna. A linguagem é um sistema de símbolos culturais internalizados, e é utilizada com o fim último de comunicação social. Assim como no caso da inteligência e do pensamento, o seu desenvolvimento passa também por períodos até que a criança chegue à utilização de frases e múltiplas palavras. A linguagem, assim como a brincadeira, constituem elementos curriculares fundamentais na educação infantil. Portanto, precisam ser bem conhecidos pelo professor, para que este possa organizar o trabalho pedagógico de modo a atender tanto as especificidades infantis, como também aliar os objetivos curriculares e pedagógicos a essas especificidades.

O trabalho com a linguagem se constitui um dos eixos básicos na educação infantil, dada sua importância para a formação do sujeito, para a interação com as outras pessoas, na orientação das ações das crianças, na construção de muitos conhecimentos e no desenvolvimento do pensamento. (BRASIL 1998, p.108).

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil (DCNEIS) de 2009, existem diferentes tipos de linguagem: a corporal, a falada, a escrita, dentre outras. Para se comunicar, a criança utiliza tanto a linguagem corporal (mímica, gestos, etc.) como a linguagem verbal. O desenvolvimento da linguagem se divide em dois estágios: pré – linguístico, quando o bebê usa outras estratégias comunicativas, sem palavras; e o linguístico, quando usa palavras.

A criança, de princípio, logo após o nascimento, usa o choro para se comunicar, podendo ser rica em expressão emocional. Logo ao nascer esse choro ainda é indiferenciado, porque nem a mãe sabe o que ele significa, mas aos poucos começa a ficar cheio de significados e é possível, pelo menos para a mãe, saber se o bebê está chorando por fome, por cólica, por estar se sentindo desconfortável, por querer colo etc. É importante ressaltar que é a relação do bebê com sua mãe, ou com a pessoa que cuida dele, que lhe dá elementos para compreender seu choro.

Neste estudo partimos do suposto que a criança é agente social, que aprende nas e pelas interações (CORSARO, 2011). Em se tratando da pesquisa ora em tela,

defendemos que a interação adulto e criança, institui rotinas culturais, no interior das quais, tanto a criança quanto o adulto reproduzem e produzem culturas próprias, pelas quais veiculam os sentidos e os significados inerentes ao contexto onde estão inseridos. O adulto ocupa nesse jogo interacional um papel fundamental, qual seja, o de ajudar a criança a ampliar seu repertório, nas mais variadas formas de expressão. O adulto é responsável por oferecer suporte e apoio para as iniciativas infantis, num ato responsivo (CASTRO, 2016). Ouvir e auscultar as crianças (SARMENTO, 2002), (ROCHA, 2008) faz parte deste ato responsivo, que envolvem o cuidar e o educar no cotidiano da creche.

A atitude de ouvir as crianças e considerá-las como cidadãs, sujeitos de direitos, seja em práticas pedagógicas, seja em pesquisas, só é possível à medida que se supera o conceito de criança imatura, passiva, incompetente, que por longo tempo orientou o pensar e o agir na educação delas, especialmente das crianças pequenas.

Desse ponto de vista, a prática pedagógica e a prática de pesquisa, tanto com crianças como sobre crianças, precisam ser fundamentadas por uma concepção de desenvolvimento infantil que considere a criança como capaz de estabelecer relações com os outros e com o mundo desde o nascimento e que conceba essas experiências vividas socialmente como processos de aprendizagem responsáveis por impulsionar a formação e o desenvolvimento das qualidades humanas na infância. (MELLO, 2010, p.2)

Nesta pesquisa, referenciada, dentre outros autores, como já mencionamos, também em Bakhtin (2010) tomamos, a partir de seu conceito de ato social, a compreensão de que as formas expressivas que os bebês utilizam para se comunicar no dia a dia educativo, constituem, em verdade, estratégias comunicativas. Bakhtin nos ajuda a diferenciar ação de ato. Enquanto a primeira constitui uma realização mecânica, o segundo contempla em si responsividade, portanto, tendo no outro e com o outro, interlocução e participação.

Assim, a postura do adulto no contato com a posição que ocupa a criança implica numa atitude ética, numa reflexão sobre modos possíveis de interação, um jeito de ser, um modo de cuidar, que envolve não só intervir ou iniciar estratégias na direção das crianças, mas também agir sobre si, refletir sobre o sentido do seu próprio olhar e emoção, tendo em vista observar os bebês e dar sustentação às suas experiências. Nesse percurso, agir com os bebês, na relação com eles, pode abrir

espaço para oferecer opções de interação e comunicação, além de acompanhar suas iniciativas.

Histórica e culturalmente, é para se comunicar com seus semelhantes que o homem cria e utiliza os sistemas de linguagem. A função de comunicação é bem visível nos bebês que estão começando e ensaiando suas primeiras estratégias comunicativas. Por meio de sons e expressões, estados emocionais, há uma comunicação que os impulsiona, para que consigam por meio de suas necessidades serem atendidos e compreendidos.

Para que haja comunicação entre os bebês e outras pessoas é necessário que se observe os diversos tipos de expressão para traduzir as ideias e os desejos das crianças pequenas, seus sentimentos, vontades e necessidades, e isto ocorre com cada bebê como uma experiência única e pessoal de modo complexo e particular, na tentativa de transmitir a outro o que ocorre como experiência comunicativa. (GUIMARÃES, 2008, p.15)

Embora não dominem a linguagem enquanto sistema simbólico, os bebês utilizam manifestações outras, como o riso, o choro, o balbucio. Esses são meios de contato social, maneiras de se comunicar com os adultos que os cercam.

Nesse sentido, o professor de educação infantil precisa propiciar espaços, interações, materiais, que considerem as diferentes formas de sentir, expressar e comunicar a realidade pelas crianças. Os bebês possuem uma natureza singular, que os caracteriza como seres que sentem e pensam o mundo de um jeito muito próprio. Nas interações que estabelecem desde cedo com as pessoas que lhe são próximas e com o meio que os circunda, revelam seu esforço para compreender o mundo em que vivem e expressar-se em diferentes linguagens.

No processo de construção do conhecimento, as crianças utilizam as mais diferentes linguagens e exercem a capacidade que possuem de terem ideias e hipóteses originais sobre aquilo que buscam desvendar. Nessa perspectiva as crianças constroem o conhecimento a partir das interações que estabelecem com as outras pessoas e com o meio em que vivem. O conhecimento não se constitui em cópia da realidade, mas sim, fruto de um intenso trabalho de criação, significação e ressignificação. Compreender, conhecer e reconhecer o jeito particular das crianças serem e estarem no mundo é o grande desafio da educação infantil e de seus profissionais. Embora os conhecimentos derivados da psicologia, antropologia, sociologia, medicina etc. possam ser de grande valia para desvelar o universo infantil apontando algumas características comuns de ser das crianças, elas permanecem únicas em suas individualidades e diferenças. (BRASIL, 1998, p.21-22)

Sob esse viés, entendemos que desde os primeiros instantes da existência humana, diferentes mecanismos culturais entram em ação, conferindo ao movimento do bebê um caráter cada vez menos automático e cada vez mais intencional e deliberativo. Diante desse entendimento, choros, sorrisos, deslocamentos e olhares são interpretados pelos adultos, criando formas relacionais com os bebês. Por isso o professor precisa utilizar as diferentes linguagens (corporal, musical, plástica, oral e outras) ajustadas às diferentes intenções e situações de comunicação, de forma a promover interações em que as crianças possam se expressar, serem compreendidas, manifestando suas ideias, sentimentos, necessidades e desejos, para que possam avançar no seu processo de construção de significados, enriquecendo cada vez mais sua capacidade expressiva.

Vygotski enfatiza a importância das estratégias comunicativas das crianças. Discutindo a situação da criança bem pequena, o autor destaca a contradição entre sua máxima dependência e, portanto, sua máxima necessidade do outro – sua máxima sociabilidade – e a ausência dos meios fundamentais de comunicação sob a forma de linguagem verbal. Essa característica da situação social do desenvolvimento do bebê confere a esse momento da vida dele uma peculiaridade.

No cotidiano da creche, podemos ver os bebês trocando objetos, olhares. As interações promovidas pelas professoras e auto-organizadas pelas crianças as coloca numa rede comunicativa aonde suas estratégias vão ganhando significação, na medida em que se estabelecem interações de reciprocidade e responsividade.

Desse modo, o corpo é entendido como espaço de construção simbólica e cultural a partir da relação com o outro. O mundo adulto insere a criança no universo das construções simbólicas e verbais, quando, por exemplo, nomeia a ação das crianças, desafia seus movimentos. No caso dos bebês, torna-se importante focalizar no dia a dia educativo, as formas não verbais por meio das quais o mundo vai sendo significado e experimentado pela e com a criança, desenvolvendo estratégias comunicativas diversas e cada vez mais ampliadas, pois:

A criança é um ser social que nasce com capacidades afetivas, emocionais e cognitivas. Tem desejo de estar próxima às pessoas e é capaz de interagir e aprender com elas de forma que possa compreender e influenciar seu ambiente. Ampliando suas relações sociais, interações e formas de comunicação, as crianças sentem-se cada vez mais seguras para se expressar, podendo aprender, nas trocas sociais, com diferentes crianças e adultos cujas percepções e compreensões da realidade também são diversas. (BRASIL, 1998, p. 22).

Segundo Bakhtin (2010), a comunicação que se constitui para o outro é enunciado e pode ser feita pelo corpo, pelo olhar ou palavras. Prestar atenção às estratégias comunicativas das crianças bem pequenas, que se enreda em brincadeiras com o outro, no toque, gesto, olhar, sentir, vivenciar, sozinhas ou com objetos, pode ser campo para melhor conhecê-las. (CORSARO, 2011, p. 32). Desse modo, estudos como os que ora empreendemos tornam-se importantes, pois podem oferecer, via observação e análise do que as crianças realizam cotidianamente e o que modificam nesse cotidiano pelo seu agir, ricas situações que favorecem e complexificam, bem como desafiam as estratégias comunicativas entre adultos e crianças em contextos educativos.

Vygotski (1991) ressalta que é para comunicar que o homem cria e utiliza os sistemas de linguagem, e é a necessidade de comunicar que impulsiona o desenvolvimento. Os sentidos dessa comunicação são formados e desenvolvidos nas vivências, em situações concretas de vida e educação, e condicionados pelos motivos da atividade que a criança realiza juntamente com o docente, o adulto que convive em seu cotidiano institucional, no contexto da creche, nas vivências experimentadas nesse cenário.

Os elementos existentes para determinar a influência do meio no desenvolvimento psicológico, no desenvolvimento de sua personalidade consciente é a vivência. A vivência de uma situação qualquer, a vivência de um componente qualquer do meio determina qual influência essa situação ou esse meio exercerá na criança. Dessa forma, não é esse ou aquele elemento tomado independentemente da criança, mas, sim, o elemento interpretado pela *vivência da criança* que pode determinar sua influência no decorrer de seu desenvolvimento futuro (VYGOTSKI, 1991, p.682).

As Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil (BRASIL, 2009) exprimem a ideia de um ato docente orientado por uma pedagogia sustentada nas relações, interações e em práticas que intencionalmente privilegiem e valorizem as experiências cotidianas, que ampliem os processos de aprendizagem no espaço coletivo. Para se desenvolver, as crianças necessitam do contato com outro, nas relações que estabelecem entre si. As DCNEIs anunciam a necessidade de constituir um ato docente que tome como base a ideia de um bebê ativo e participativo, rompendo com o marco conceitual que os tomava a partir da perspectiva da falta, da ausência e da incapacidade.

Em verdade, os bebês não são portadores de falta, de ausências. Eles são plenamente capazes de se comunicar. E assim o fazem, intensamente, no interior da creche. Manifestam-se por gestos, dentre eles, destaca-se os gestos de apontar, de dirigir-se a um objeto ou amigo desejado, chorar para chamar atenção do adulto ou pedir ajuda para alcançar um brinquedo. Destarte, o trabalho pedagógico na educação infantil, de modo geral, e em especial, no caso deste trabalho, com os bebês, requer muitas especificidades, que caracterizam a docência com esta faixa etária. Trataremos disto no próximo enredo.

3 ENREDO 2. AS ESTRATÉGIAS COMUNICATIVAS DOS BEBÊS EXPRESSOS NA BRINCADEIRA

No cotidiano da educação infantil, seja no trabalho pedagógico, seja no trabalho de investigação científica, estabelecer a relação entre teoria e prática implica fundamentalmente em princípios éticos, políticos e estéticos (BRASIL, 2009). No caso desta pesquisa, implica, pelos objetivos a que se propõe, quais sejam, conhecer e compreender as estratégias comunicativas dos bebês, portanto, seus modos de agir, sentir, interagir. Implica desta forma, tomar o outro como ponto de partida e ponto de chegada da própria investigação.

Nesse sentido, os atos comunicativos dos bebês são diversos, pois que envolvem o corpo, os gestos, olhares, sorrisos, choros, e nos desafiam a compreender como esse processo complexo que é o desenvolvimento da linguagem, ocorre no cotidiano da creche. Entretanto, é nesse interior, nesse cotidiano, que além desta tarefa tão complexa, outra se coloca para o pesquisador – a de tomar as crianças em sua indivisibilidade. Para Dias e Santos (2013) continua sendo necessário o alerta para que crianças desde a mais tenra idade sejam consideradas em sua inteireza, possibilitando a emancipação dessas, em que o adulto seja o mediador no seu processo de desenvolvimento, mas não o único que ensina e sim também o que aprende junto delas.

É diante desses desafios e dessa teia interacional complexa que realizamos o presente estudo. Observando, discutindo e analisando no tempo e no espaço as estratégias comunicativas dos bebês e também as ações e reações deles a partir das intervenções dos adultos na brincadeira e nas atividades rotineiras.

O ato comunicativo dos bebês no cotidiano da creche não é algo que possa ser naturalizado. Ele não emerge a partir de uma perspectiva biologizante, portanto, natural. Logo, não é pré-determinado, mas sim pré-organizado, estruturado, fortalecido e repetido em jogos interacionais entre o adulto e a criança, a criança e seus pares. Ele é, portanto, agência e responsividade. Daí a necessidade de considerar a especificidade da docência com as crianças pequenas e nesse caso especificamente, com os bebês.

Nesta perspectiva, para Guimarães (2008) o trabalho das profissionais da creche é focalizado como um trabalho de questionamento frequente sobre suas funções, emoções e ações. Além disso, permite entender o trabalho com os bebês como incentivo à abertura de caminhos de encontro deles consigo mesmos, nos primeiros meses de vida. Além de seguir todas as formas do cuidar e do educar, as professoras se tornam

responsáveis pelo desenvolvimento comportamental, cognitivo e comunicativo destes bebês, e mesmo que suas estratégias estejam voltadas para as interações no cotidiano da creche, há sempre que se pensar na maneira como interagem com os pequenos e quais os objetivos das interações.

Estes aspectos tornam-se efetivamente pedagógicos quando são realizados a partir de um conhecimento sistematizado (planejado e refletido) que inclua a relação eu/outro, indivíduo/coletivo (BAKHTIN, 2010). Portanto, ao planejar uma atividade pedagógica direcionada para bebês é preciso pensar como a partir disto pode – se desafiar áreas do desenvolvimento. Para Castro (2016) inclui-se nesses procedimentos o planejar, cuidadosamente pensado, sistematizado e organizado em sintonia com os sujeitos principais dessa rede relacional, as crianças. É necessário pensar sobre o que poderia ser feito para promoverem-se essas potencialidades que as crianças possuem, no coletivo da Educação Infantil. Ainda, para Castro, o ato de registrar e documentar as situações vivenciadas pelas crianças e professores/as na educação infantil, aumenta as chances de refletirmos mais sobre o cotidiano educativo. Com observações e registros será possível analisar os dados obtidos a partir das relações desenvolvidas no cotidiano da creche, quais estratégias comunicativas são mais eficazes e compreendidas.

Nas observações que realizamos no interior da creche, constatamos que nas interações realizadas entre os bebês e as professoras, ocorrem ações e reações por ambas às partes, e nesta troca; efeitos de comportamentos tomam lugar produzindo estratégias comunicativas como forma de resposta ao ato primeiramente proporcionado, os quais doravante, quando discutimos e analisamos os dados, passamos a chamar de cenas. Castro (2016) destaca que a concepção de docência nos primeiros anos de vida pressupõe ter o outro como interlocutor ativo e participativo. Significa empreender um movimento dialógico no qual os significados vão sendo complementares à ação e convocando o/a professor/a para refletir sobre os sentidos do que diz e do que faz, convocando-o a assumir a responsabilidade pelo seu próprio agir e a especificidade da docência com os bebês.

3.1 A ESPECIFICIDADE DA DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL PARA E COM OS BEBÊS

Nossas incursões no cotidiano da creche têm revelado o quanto é importante e necessário que as professoras compreendam e dominem aspectos conceituais e metodológicos do trabalho com as crianças, nomeadamente no caso deste estudo, com os bebês. Para Guimarães, “redimensionar o cuidado na creche relaciona-se com discutir a qualidade e a direção da atenção dos adultos para com eles mesmos e para com as crianças.” (GUIMARÃES, 2008, p. 147).

Ao falarmos de bebês e da prática pedagógica para e com eles, defendemos que o cuidar e o educar, como ações indissociáveis, precisam debruçar-se sobre a ampliação de repertório cultural dessas crianças, e dentre tantos aspectos desenvolvimentais e aprendentes, destacamos neste estudo a ampliação da linguagem e tomamos como unidade de análise as estratégias comunicativas dos bebês.

Decidimos focar nossa unidade de análise na brincadeira (auto - organizada pelas crianças ou conduzida pelas professoras) e nas atividades rotineiras (sono, higiene, alimentação), pela especificidade do trabalho pedagógico com esta faixa etária. Isso vem nos provocando há tempo, na medida em que essa especificidade parece acarretar no senso comum, e por vezes, até no interior das redes públicas, um desprestígio e uma menor valorização ao trabalho que é feito com os bebês, por ser uma rotina diária bastante diferente daquela que se realiza com crianças dos três aos cinco anos. Como se a brincadeira e as atividades rotineiras não tivessem em si mesmas a mesma necessidade de rigorosidade de planejamento e avaliação por parte das professoras.

Neste estudo, como já afirmamos anteriormente, partimos do suposto de que os bebês são interlocutores ativos no cotidiano da creche. Atentar-se aos modos responsivos dos bebês a partir das intervenções das professoras na brincadeira e nas atividades rotineiras, nas interações individuais, nos pequenos grupos, na interação face a face (DIAS, 2003) e na interação de grande grupo, portanto, em diferentes estilos interativos e logo, em diferentes estratégias comunicativas, é uma grande possibilidade de aproximação e compreensão dos modos como os bebês agem e reagem no interior das relações cotidianas.

De acordo com Castro

[...] a docência na educação infantil se constitui carregada por marcas do tempo, do cotidiano, das relações de dentro e de fora da instituição, de modo permanentemente contínuo. Ter maior clareza do que significa ser professora de um grupo de crianças bem pequenas, exige clareza no que propor e em como conduzir a prática pedagógica, tendo em vista as crianças, as principais interlocutoras no cotidiano educativo. Aspectos que requerem assumir posturas sempre tendo o outro como preocupação responsável. (CASTRO, 2016, p. 42-43)

Estudos como os de Dias (2009), Castro (2016), Dias e Santos (2013), reforçam a necessidade de os Programas de Pós-Graduação em Educação atentarem para a especificidade da educação das crianças de pouca idade e ainda, sobre a especificidade não só da docência com as crianças bem pequenas e pequenas, como também sobre a estrutura, fluxo e densidade pedagógica na composição da rotina diária e dos elementos curriculares que a compõem, com destaque para a natureza das propostas que se oferece às crianças, para a qualidade e o nível desenvolvimental dos materiais, para o caráter formativo das interações entre adultos e crianças. Isso tudo implica em discutir a docência na educação infantil, as concepções de criança e infância, e ainda, a função social do professor de educação infantil.

Nesse sentido, entendemos neste estudo, que a relação com a linguagem é um dos aspectos que exige grande atenção das professoras, por isso de nosso interesse em investigar as estratégias comunicativas dos bebês. Conhecer e analisar, portanto, o ato comunicativo dos bebês nas interações cotidianas da creche implica em reconhecer que as manifestações das crianças e suas interações nem sempre são verbais, contudo, são mediadas pela linguagem. Portanto, há no interior dessas estratégias comunicativas entre bebês e adultos e entre bebês e seus pares, relações de alteridade e dialogicidade. (CASTRO, 2016)

A linguagem, na perspectiva bakhtiniana, é definida na relação *eu-outro*. Para Castro (2016) [...] em contextos de educação infantil, isso inclui os modos como se fala os tons das enunciações, o que se enuncia por palavras ou por gestos, olhares e movimentos (p. 44-45). Para tanto, é necessário adulto-professores que tenham sensibilidade, paciência, tolerância e zelo para prestar atenção nas micro ações (DIAS e SANTOS, 2013) das crianças no decorrer das interações. Essas micro ações podem ser percebidas e identificadas pelo ato sistemático da professora em observar, registrar e documentar o que as crianças fazem, brincam, sentem. Portanto, não só o ato de planejar é suficiente para dar conta da complexidade da docência na educação infantil, e ainda

mais, para e com os bebês, como também o ato de observar e registrar sistematicamente, portanto, de compor a documentação pedagógica do cotidiano vivido. De acordo com Dias (2003), a documentação permite realizar o que a autora chama de “roda da aprendizagem”, que nada mais é do que “a organicidade em planejar-fazer-rever e replanejar” (p. 85).

Os diferentes registros que compõem a documentação pedagógica (registros escritos feitos pela professora, vídeos, fotos, produções das crianças, depoimentos das famílias, gravações em áudio, dentre outros) criam a história individual de cada criança e ao mesmo tempo do grupo. Também manifestam as singularidades e marcas específicas da docência que ali se constitui.

Portanto, a observação, o registro e a documentação são fazeres inerentes à docência na educação infantil, cujo foco central reside na relação entre adulto e criança, criança-criança, criança-espaco-tempo-materiais. Destarte, permitem que se tenha quadros elucidativos do que as crianças fazem e como fazem. Demarcar via registros sistemáticos do cotidiano vivido o que as crianças fazem no interior da creche, permite às professoras e também às famílias conhecer os modos de exploração infantil sobre o mundo. Permite que conheçamos as estratégias dos bebês em suas singularidades.

No caso deste estudo, a documentação dos registros variados permite também conhecer e analisar os modos como as crianças significam o que as cerca. Ajuda-nos também a compreender suas estratégias comunicativas. Nesse sentido, concordamos com Cruz (2008), quando esta afirma que “[...] mesmo crianças ainda bem pequenas têm o que dizer” (p.13).

Essa compreensão foi salutar, diante de nosso objeto de estudo, qual seja a linguagem dos bebês, e nossa unidade de análise, a saber, as estratégias comunicativas deles durante a brincadeira e as atividades rotineiras. Tendo a clareza da importância dos registros, do quanto eles são reveladores do caldo interativo da creche, foi que elegemos como procedimentos de pesquisa, notas em diário de campo, registros videográficos e fotográficos. Acreditamos que esses procedimentos nos ajudaram a captar o movimento interativo, as ações de reciprocidade entre crianças e adultos e entre crianças-crianças. Nomeadamente nas situações de brincadeira, entendemos que os registros variados nos ajudam a conhecer as estratégias comunicativas dos bebês, na medida em que a brincadeira é elemento estruturante de apropriação e desenvolvimento da linguagem.

3.2 A BRINCADEIRA: POTENCIAL PARA DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM

Segundo Bakhtin (2010), a linguagem possui uma multiplicidade de dimensões que se agregam e formam conjuntos de comunicação sempre na relação com o conteúdo concreto da vida. O sujeito é interativo, logo, pressupõe interlocutor e expressividade, o que instala o diálogo. Para o autor, toda comunicação que se constitui para o outro é enunciado e pode se materializar pelo corpo, pelo olhar, pela palavra ou ainda pelas artes.

Nessa perspectiva, entendemos a brincadeira também como uma linguagem. Pois via de regra, as crianças, desde a mais tenra idade, tendem a usá-la para se expressar, para comunicar o que sentem como interpretam o mundo à sua volta. Segundo Vygotski (1991, p. 24), a brincadeira é um traço específico da infância, como uma atividade guia das crianças, de seu desenvolvimento e aprendizagem.

Assim, entendemos que a brincadeira é um ato cultural. É também uma ação estruturante dentro da creche. Para tanto, é necessário, além de um professor que registre permanente e sistematicamente as ações das crianças, também um profissional que organize de modo bem planejado o espaço, as interações, os brinquedos e materiais para que a brincadeira ocorra.

Para Corsaro (2011), a brincadeira pode ser compreendida como reprodução interpretativa nos enredos brincantes das crianças. Isso implica também em reconhecer as crianças em sua agência infantil, isto é, em suas estratégias de criação, a partir do que bebem da fonte do mundo dos adultos. Corsaro critica as abordagens inatistas, ambientalistas e cognitivistas quanto ao tratamento que dão não só para o conceito de criança e infância, como também pela passividade que atribuem a elas no que toca ao seu papel no conjunto das relações sociais e nos modos como afetam e são afetadas pela sociedade. Segundo Corsaro, as crianças não copiam simplesmente o mundo adulto. Logo, não é possível pensar que elas tão somente imitam o que os adultos fazem. Ele acredita que desde a mais tenra idade, as crianças exercem um papel ativo, portanto, criativo, de elaboração social e cultural, sobretudo, pela via da brincadeira.

Mediante esses enfoques, podemos inferir que as estratégias comunicativas dos bebês, também na brincadeira, asseguram a estes um lugar de autoria. Por isso não chamamos apenas de ações, por entender que essas assumem mais um caráter mecânico, como já afirmamos antes. São atos, pelo caráter de inovação, de autoria, de

singularidade de cada bebê num espaço que é coletivo, e no qual, ele tende a atuar, a agenciar na complexa teia relacional de diferenciar-se dos outros (ELIAS, 1994 apud DIAS, 2009). Portanto, o que as crianças manifestam, expressam, ora por gestos, olhares, silêncios, choros, balbucios, brincadeira, veicula o que sentem o que desejam. Para Bakhtin (2010), atentar para os modos como as crianças comunicam algo a seus interlocutores é reconhecê-las participando de suas estratégias.

Deste modo, compreendemos que a linguagem é um instrumento de ação no mundo, tanto para os bebês como para os adultos. Ela cria possibilidades de troca social. No cotidiano da creche, a brincadeira permite, como linguagem, como palco de várias interações, a troca e o diálogo entre os bebês e os adultos. Trazemos no próximo enredo, cenas do cotidiano da creche, no interior das quais discutimos e analisamos alguns episódios de diálogo entre adultos e crianças, crianças e crianças, que nos permitem aprofundar as questões abordadas nos enredos 1 e 2.

Neste enredo exploramos algumas interações nos quais o corpo, os gestos, as diferentes expressões estão em cena e comunicam desejos, necessidades, experiências próprias das crianças desta faixa etária. E também o quanto as professoras “leem”, interpretam essas estratégias comunicativas dos bebês e respondem a eles, dando diferentes sentidos aos mesmos, em algumas situações. E o quanto em outros, os negligenciam, ou atribuem a diferentes crianças os mesmos padrões comunicativos.

No próximo enredo, portanto, além de retratar algumas cenas do cotidiano da creche, problematizamos também nossas lacunas ainda como professoras de educação infantil na lida cotidiana de mostrar sensibilidade, ausculta, conhecimento e reciprocidade quanto às estratégias comunicativas dos bebês.

4 ENREDO 3. DISCUSSÃO E ANÁLISE DAS ESTRATÉGIAS COMUNICATIVAS NO COTIDIANO VIVIDO POR BEBÊS E ADULTOS

Nesta parte do texto, apresentamos algumas cenas do cotidiano vivido por bebês e adultos na creche. Nosso objetivo é discuti-las, sob o arcabouço teórico apresentado anteriormente.

Para melhor compreensão do leitor, organizamos as cenas selecionadas em quadros, destacando o bebê central na cena interativa, o espaço em que a cena se desenvolve, o tempo de duração da interação, o material envolvido e o ato comunicativo identificado.

Para cada quadro, discutimos o conteúdo da interação.

Importante destacar que não elencamos categorias de análise a priori, pois iniciamos o estudo pretendendo construir essas categorias na medida em que identificássemos o conteúdo dos próprios registros de diário de campo, bem como dos vídeos, fotos e áudios.

Apresentamos então a seguir algumas cenas selecionadas durante o estudo.

Cena 1 (Continua)

BEBÊ – Ana Laura interage com a professora Gesseli
Sorri, aponta com o dedo, interage com os outros bebês, porém é mais reservada, às vezes com a professora, isola-se, organiza brinquedos em ordem, fileiras, algumas vezes ignora comandos dados pelas professoras ao solicitar que recolha os brinquedos, que se organize em filas. Quando a professora pede que se aproxime para conversar, ela reage aos comandos solicitados somente quando quer. Alimenta – se sozinha, retraída em algumas situações, desperta a curiosidade pelos detalhes nos cartazes da sala, na blusa do colega ou da professora, nas figuras pequenas dos livros, em peças parecidas, semelhantes.
OBJETOS
Bola - quando pega a bola, Ana Laura olha para a bola e fica girando, observando toda a superfície desta bola, se tiver algo escrito, ela fica por um tempo maior olhando para as letras, apertando-a com força, abraçando-a e procura pela sala do berçário se tem bolas iguais, quando as encontra, ela tenta carregar todas para um canto da sala, organizando-as no chão, lado a lado, e pega uma por uma, de cada vez, logo se cansa e sai, deixando no mesmo lugar as bolas no chão, desinteressando – se.
Livro – às vezes a professora disponibiliza alguns livros para que os bebês explorem

<p>sozinha o material dado. Ana Laura encontra um livro, senta-se sobre um tapete emborrachado, e começa a folheá-lo, passando as mãos sobre as imagens, quando encontra um desenho pequeno, ela aponta com o dedo, e olha para cima e começa a resmungar um som de felicidade, sua expressão facial representa um leve sorriso, volta a olhar para o livro e esta cena se repete algumas vezes, como se ela estivesse conversando sobre a imagem- desenho. Pecinhas de montar – Em um determinado dia a professora espalha ao chão da sala de berçário, peças de encaixar e montar, com diferentes tamanhos, formas e cores, mas Ana Laura escolhe as peças que tem o mesmo tamanho, forma e cor, escolhe três a cinco peças e vai para um canto brincar, normalmente debaixo do balcão onde fica a televisão, ela senta – se e coloca as peças lado a lado, mexe com as peças por diversas vezes e desiste da brincadeira, deixando por ali mesmo as peças, levanta – se e vai à busca de diferentes peças.</p>
ESPAÇO - LOCAL
Sala referência
TEMPO DE DURAÇÃO
Bolas – 5 minutos Livro – 5 minutos Peças de encaixar - 10 minutos
ATO COMUNICATIVO
Choro, riso, balbucio.

Fonte: elaborado pela própria autora, 2019.

O ato comunicativo utilizado por Ana Laura para interagir com a professora Gesseli é por meio de balbucios. Segundo Vygotski (2005), os primeiros balbucios se formam sem o pensamento e tem como objetivo atrair a atenção do adulto. Como ainda Ana Laura não consegue verbalizar e nem expressar por palavras seu pensamento, ela utiliza gestos e sons como os balbucios para representar o que está sentindo. Ela lança um olhar para a professora e se aproxima como se estivesse esperando que a professora tomasse uma atitude. Nas brincadeiras interage com seus pares, mas prefere explorar objetos e brinquedos sozinha. Ana Laura balbucia para si, sem muito interesse em seu interlocutor, comunica – se com outros bebês, não espera resposta, prefere ficar sozinha, mas presta atenção a tudo que ocorre em seu redor, desenvolve monólogos, como se estivesse pensando em voz alta. Os objetos com os quais interage, neste caso, as bolas,

as peças de encaixar e o livro, representam para Ana Laura a realidade, e dão forma aos seus processos mentais.

Relaciona-se com outros bebês por meio de olhares. Quando o outro bebê se aproximava dela, ela se retira, ou empurra, evita ficar por perto. Ao relacionar – se com a professora Gesseli, sente – se segura, mas somente com esta professora, evita pedir ou aceitar colo, quando a professora lhe oferece, por vezes ela senta no colo, porém, fica por um período de 1 minuto, não mais que isso.

A professora ofereceu a ela um livro, ela pegou, sentou – se no chão, e observou os desenhos, apontou e balbuciou para a imagem direcionando o seu olhar para a professora. A professora fez comentários sobre a imagem, como por exemplo: “- Que bonito! Que colorido!” Ela ouviu a professora e voltou a explorar o livro. Para Guimarães (2008), quando o olho da criança toca o olho do adulto e vice-versa, parece que se rompe o automatismo, estabelecendo-se comunicação e contato; como se buscasse uma aceitação, consentimento da professora e até mesmo compreensão, e a professora reage ao olhar de Ana Laura com diálogos, por meio da fala, ao mesmo tempo em que interage, desafia a criança a dialogar e se expressar, seja por meio de olhares ou gestos com alguns balbucios. Para Bakhtin (2006), o diálogo, no sentido estrito do termo, não constitui, senão, uma das formas mais importantes da interação verbal. Para ele, o diálogo num sentido mais amplo é toda comunicação verbal emitida através de sons, sejam eles com palavras ou balbucios.

Figura 4 – referente à cena 1



Fonte: acervo de fotos da autora, 2019.

Cena 2

BEBÊ – Ana Laura interage com a professora Gesseli no refeitório
A professora lhe entrega o alimento, ela tira do prato com as mãos, e se alimenta. De repente ela baixa a cabeça e começa a choramingar, retraindo-se. A professora se aproxima e conversa com ela. Ela pega a mão da professora e aperta como se estivesse beliscando, não aceitando a presença de ninguém, afasta o prato com o alimento e não se alimenta mais.
OBJETOS
Alimentos e utensílios para alimentar-se
ESPAÇO – LOCAL
Refeitório
TEMPO DE DURAÇÃO
5 minutos
ATO COMUNICATIVO
Choro, gestos

Fonte: elaborado pela própria autora, 2019.

Ana Laura comunica – se por meio do choro, demonstrando insatisfação e desconforto com alguma situação, a qual a professora não consegue identificar. Ela chora, se retrai, espia a professora Gesseli com a cabeça abaixada por entre os braços, certificando – se que a mesma está olhando para ela. Para Vygotsky (1995) sons, gestos, expressões, são manifestações bastante difusas, pois não indicam significados específicos, por exemplo, o choro, pode significar dor, fome, etc. E que balbucios, riso, choro, expressões faciais ou as primeiras palavras cumprem não somente a função de alívio emocional, como também meios de contato com os membros de seu grupo, neste caso, com a professora. A professora busca diálogo: “- Ana Laura, o que houve, vai comer, não precisa chorar...””.

Quando a professora conversa com ela, ela se retrai mais ainda... Não olha para ela, mas quando a professora não conversa mais, ela volta a espia-la, desta forma pode – se compreender que as formas comunicativas utilizadas são choro, olhares.

Através de inúmeras oportunidades de diálogo, os adultos que já dominam a linguagem, não só interpretam, mas atribuem significados aos gestos, posturas, expressões e sons da criança como também a inserem no mundo simbólico de sua cultura (Vygotsky, 1995, p. 65).

Após a refeição foram para a sala referência, Ana Laura foi trocada e colocada no carrinho de bebê para esperar sua mãe busca-la. Porém, aconteceu algo que nunca acontecera antes, foi o que disse a professora Gesseli, ela adormeceu, assim, entendeu – se que toda sua forma de comunicar – se era uma maneira de expressar sua vontade de dormir, de que ali no refeitório não estava mais confortável para ela, que estava comunicando – se com a professora para que pudesse dormir.

A compreensão é um processo ativo, ou seja, uma forma de diálogo. Mesmo que a professora não conseguiu compreender de imediato o significado do choro de Ana Laura, ela buscou dialogar, buscando assim mais evidências para o significado de tal forma de comunicação. Para Bakhtin, (1981), o sentido de um enunciado não está na palavra, nem na alma do falante, assim como também não está na alma do interlocutor, o sentido do enunciado é, melhor dizendo, o efeito da interação do locutor e do receptor produzido por meio do material de um determinado complexo sonoro. O diálogo estabelecido entre elas proporcionou uma maneira de conhecer e entrar em contato com o que impulsionou tal atitude de Ana Laura, sua insatisfação naquele instante, e neste processo de interação a professora pode observar as necessidades, o interesse e as emoções presentes, e mesmo que neste contexto dialógico existam quantidades enormes e ilimitadas de sentidos, pode num momento posterior ser renovado e criado um novo formato de compreensão, que não fora de imediato, mas que contribui na evolução da compreensão futura do significado expresso pelo choro e pelo olhar de Ana Laura.

Cena 3 (Continua)

BEBÊS – Antônio interage com Jeferson
Circula constantemente pela sala e pelos espaços, estimula os colegas nas brincadeiras, empurrando – os, balançando a cabeça, demonstrando em um movimento um convite para que participem da brincadeira, como se dissesse “– vamos?” Pega pela mão do bebê; joga a bola, olha fixo para o bebê com um meio sorriso no rosto, sai correndo e para, olha para trás como se quisesse dizer “– Vem!”.
Algumas vezes os outros bebês reagem e respondem às interações.
OBJETOS
Bola de plástico
ESPAÇO – LOCAL
Piscina de bolinhas

TEMPO DE DURAÇÃO
1 minuto
ATO COMUNICATIVO
Balucio, olhar, gesto com as mãos.

Fonte: elaborado pela própria autora, 2019.

Antônio é um bebê ativo, não gosta de isolar – se, busca sempre contato com as professoras e com os outros bebês, caminha constantemente pela sala referência, procurando o que fazer, ou algum objeto para brincar e explorar olha nos olhos das professoras, as rodeia, pede colo, gosta do contato, convida os bebês para brincar na piscina de bolinhas, no tapete emborrachado, olha nos olhos deles, balança a cabeça, como se dissesse: “- Vamos brincar, vem!” Ou ainda pega pela mão e puxa o outro bebê. Para Schmitt (2008) olhar o outro ao seu lado, observar seu movimento, tocar o corpo, sorrir em resposta a um olhar ou a um gesto, realizar gestos ou movimentos para o outro, são ações comunicativas fortemente presentes no encontro com os bebês. E desta maneira Antônio convida os outros bebês, utiliza de várias estratégias comunicativas para interagir, se relacionar. Sabe escolher o ato comunicativo mais eficaz para se relacionar e for correspondido e compreendido.

Os bebês compreendem o que ele expressa e realizam o que ele pede, se unem a ele e brincam, eles reagem com um sorriso no rosto e vão, seguindo Antônio e até pulando. Na perspectiva de Schmitt (2008) os bebês, nas relações, vão se apropriando gradativamente desses enunciados, respondendo aos sujeitos (crianças ou adultos) por outras expressões, como choro, riso, gestos e palavras soltas, que provocam outros enunciados nestes. Na ótica bakhtiniana, a linguagem do outro surge tomada num primeiro momento, para em seguida perdê-la e torná-la a minha própria linguagem, não isolada, mas sempre direcionada ao outro, incentivada pelo outro. E o bebê Antônio faz uso de diferentes estratégias comunicativas para incentivar outros bebês nas brincadeiras. Esta é a ação dele buscando a reação dos bebês no entendimento de seu enunciado comunicativo, assim, reagindo a elas. Ressalta Schmitt (2008) que não poderia afirmar que todas as manifestações de respostas, iniciações de comunicação dos bebês ou seus enunciados são compreendidos e visibilizados pelos adultos e outras crianças nas relações; mas Antônio insiste em interagir encontrando sempre a melhor e mais eficaz forma de comunicação com os bebês e as professoras. Num determinado momento de interação na piscina de bolinha, Antônio pega uma bola, olha para Jeferson

que está ao seu lado, e joga esta bolinha. Jeferson pega a mesma bolinha com as mãos, olha para Antônio e devolve a bolinha, jogando – a para Antônio; e assim fazem a mesma ação por 3 vezes. Quando lançam a bolinha, eles se olham e sorriem. As estratégias comunicativas e correspondidas utilizadas pelos bebês Antônio e Jeferson são, olhar, sorriso, toque, ambos interagem num período de 01 minuto, tudo é muito rápido e eles se interessam e ao mesmo tempo desinteressam rapidamente, mas respondem aos contatos provocados entre si por meio da brincadeira e da interação. À medida que observamos que as relações e a significação da ação do outro passa pela comunicação corporal, percebemos o quanto o corpo é essencial na forma de comunicar – se e de interagir, enfatizando e dando visibilidade, sobretudo, à sua dimensão sociocultural, compreendendo o corpo enquanto “experiência”, que se constitui mediante atividades contínuas e pela (inter)ação (CHRISTENSEN, 2000, p. 55). Para Coutinho (2010)

O corpo é um corpo que fala que comunica a todo o momento, que convoca o outro para uma determinada ação. É um corpo que desloca-se, que aquieta-se, que abaixa-se, deita-se, que busca determinados objetos. É um corpo comunicante, um corpo brincante, um corpo pulsante. Para as crianças de modo geral a dimensão corporal ocupa um lugar bastante importante, o corpo não “é” apenas um dado biológico, mas ele “está” em constante comunicação e relação com o mundo social, algo que observei durante todo o tempo de permanência em contato com as crianças na creche (p.186).

O bebê Antônio é uma das crianças que se comunica intensamente por meio do corpo. Seu corpo expressa suas intenções com clareza, buscando interagir com os demais por meio dos movimentos corporais como; correr, pular, cair sobre o outro, e este ato comunicativo demonstra a ação de Antônio com seu par e o quanto o outro sofre a influência deste comportamento, facilitando as relações de interação, e Antônio consegue muito bem expressar as sua intenções por meio dos movimentos corporais. Ainda para Coutinho (2010) há uma “seleção” e “adequação” das formas corporais ao longo do processo educativo do ser humano, e o movimento corporal vai sendo progressivamente reordenado.

Após a ação de Antônio, observamos que Jeferson aceitou o convite para interagir, encadeando uma sequência de ações em torno do “inserir-se”, e este comportamento de Jeferson compreende – se de que ele aceitou a proposta de jogar a bolinha e devolvê-la a Antônio. Nessa discussão alguns elementos que tem se mostrado como constituidores das ações das crianças na relação entre os pares é a utilização de

formas comunicacionais pouco convencionais entre os adultos, tendo em vista que não privilegiam a linguagem verbal, convencionalmente mais utilizada na comunicação em nossa sociedade. Antônio lança mão do corpo como principal forma de comunicação, dando força à sua expressividade mediante os movimentos – em suas múltiplas possibilidades. Como Antônio possui certa autonomia e segurança com relação ao seu comportamento, essa afirmação nos remete à consideração de Cohen em relação às teorias da ação, pois segundo o autor elas “identificam uma fonte para a produção de padrões inteligíveis, sejam eles quais forem. Contudo, é necessário entender a ordenação da ação de um modo especial” (COHEN, 1996, p. 112). No que se refere à ação da criança, compreendê-la requer reconhecê-la como aquela que tem papel ativo na constituição das relações com seus pares.

Figura 5 – referente à cena 3



Fonte: acervo de fotos da autora, 2019.

Cena 4 (Continua)

BEBÊS – Antônio e Oliver com a chupeta
Oliver chega à piscina de bolinhas com a chupeta de Antônio, e mostra para ele, fala algo e quando Antônio percebe que é sua, e tenta pegar, Oliver sai correndo com a chupeta.
OBJETOS
Chupeta
ESPAÇO – LOCAL
Sala/piscina de bolinhas

Fonte: elaborado pela própria autora, 2019.

TEMPO DE DURAÇÃO
1 minuto
ATO COMUNICATIVO
Balbuícios, gestos de apontar.

Fonte: elaborado pela própria autora, 2019.

Antônio está brincando na piscina de bolinhas, trocando olhares com Jeferson, de repente aparece Oliver e mostra para ele a sua chupeta, mostra e emite balbuícios, coloca a chupeta bem no rosto de Antônio. Oliver certifica-se que ele notara que aquela chupeta era sua, e olha para ele novamente e sai correndo. Antônio sai da piscina de bolinhas e vai atrás de Oliver, mas neste instante a professora Gesseli retira a chupeta da mão de Oliver e coloca sobre o balcão. Antônio olha para Oliver e o mesmo para Antônio, e direcionam olhares para o balcão onde está a chupeta, e logo se dispersam e saem caminhando pela sala referência.

Com base em Bakhtin (2003), a compreensão entre os sujeitos é responsiva, sugere a linguagem como um acabamento, mas não um fim, pois acaba e espera uma reação ativa do outro. Oliver esperou uma resposta, uma reação dele. Nesta estratégia comunicativa utilizada entre Antônio e Oliver que foi o olhar, há uma nítida compreensão entre eles, não houve fala, somente olhares e balbuícios, além do objeto que foi a chupeta, e o interessante foi que Oliver sabia que a chupeta era de Antônio, e ao conseguir pegá-la, foi mostrar para ele, como se quisesse dizer: “- Olha! Eu consegui pegar a sua chupeta, você quer? Então vem pegá-la”, demonstrando por parte de Oliver a interação, esta mesma que fora correspondida imediatamente por meio de olhares e gestos do bebê Antônio.

Os bebês constituem-se nas formas de comunicação e constituem seus próprios modos de comunicarem-se na relação que estabelecem entre si, com as outras crianças, com os adultos e com o próprio meio. Embora não haja verbalizações entre os bebês, identificamos um clima positivo (DIAS, 2003) em várias interações entre os bebês e também entre eles e as professoras.

Cena 5

BEBÊS: Ana Laura interage com Joseane
Ana Laura consegue subir a escada até o escorregador, mas não desceu, estava muito feliz pela conquista, mas ao se deparar com o obstáculo que seria descer pelo escorregador, ou descer a escada, começou a chorar. A professora veio e pegou-a no colo.
OBJETOS
Escorregador
ESPAÇO – LOCAL
Parque externo
TEMPO DE DURAÇÃO
2 minutos
ATO COMUNICATIVO
Sorrisos e balbucios altos, pulos, choro.

Fonte: elaborado pela própria autora, 2019.

Numa manhã ensolarada os bebês foram levados para o pátio externo que fica ao ar livre, onde eles podem brincar e caminhar livremente sob supervisão das professoras Gesseli e Joseane. Nesse ambiente, alguns bebês sentam, outros caminham sem parar. Ana Laura busca novos desafios, sempre sozinha, rápida e observadora, ela escolhe os lugares mais desafiadores, pelos quais os demais bebês da turma não se interessam tanto. Por exemplo, procura subir na escada para ir até o escorregador, quer sentar-se no balanço para se balançar, tenta subir pelo escorregador, e durante todos estes momentos ela balbucia muito em voz alta, grita e sorri bastante, principalmente quando consegue realizar uma vontade sua, um desafio. Ao realizar tais desafios ela busca o olhar das professoras, mas somente quando atinge seu objetivo; não no momento de busca e realização do desafio, somente quando já o superou. Ana Laura subiu numa escada alta, o que constitui um desafio para a sua idade, mas foi indo devagar, e a cada degrau alcançado ela balbuciava com um sorriso no rosto, demonstrando satisfação, porém, chegou um momento em que ela não conseguia descer os degraus que subira. Neste instante ela segurou firme nos corrimões, chorou, tremendo, pois não tinha coragem o suficiente para descer pelo escorregador, era um obstáculo para ela. Então buscou comunicar-se com a professora Joseane por meio do choro. Segundo Schmitt

(2008) apesar de os adultos não estarem próximos fisicamente dos bebês o tempo todo, há constantemente estratégias de aproximação entre eles, manifestas reciprocamente. Caracterizam-se aqui duas formas: uma comunicação direta entre adultos e crianças, por meio da fala, do olhar, do choro, de balbucios e outras expressões, e outra, a forma pela qual os profissionais organizam o espaço para os bebês, favorecendo as relações de interação e comunicação.

Nesse episódio de Ana Laura, a professora chegou até ela e conversou, motivando-a a descer, encorajando-a, acreditando na capacidade da menina, que olhava para o escorregador, ouvindo o que dizia a professora, mas não largava o corrimão. Aos poucos a professora foi tranquilizando-a e pegou – a no colo, colocando – a no chão, ela não retornou mais na escada que levava ao escorregador, e foi brincar com uma pá de plástico.

Figura 6 – referente à cena 5



Cena 6 (Continua)

BEBÊS Antônio interage com Deivid

Disputam uma colher de brinquedo – Deivid encontra pelo chão da sala uma colher de plástico nas cores branco e roxo, ele se abaixa e pega-a, os olhos exploram-na, girando sobre a mão, retira novamente da boca, olha para colher e retorna a coloca-la em sua boca. Sai correndo para a entrada da sala, neste lugar tem um portão, por onde os bebês ficam observando as coisas que ocorrem no pátio coletivo da creche. Deivid se encostou a este portão, logo em seguida chegou Antônio, e tentou arrancar a colher de

Cena 6 (Conclusão)

Deivid, mas ele empurrou Antônio e não deixou que pegasse a colher. Então saiu e Antônio o seguiu, na tentativa de conquistar a colher. Antônio conseguiu pegar o braço dele e mordê-lo. Deivid largou a colher que caiu no chão e chorou. Antônio pegou a colher, colocou – a na boca também, ficou uns 20 segundos segurando – a, e passando pela boca, logo em seguida largou a colher pelo chão da sala.
OBJETOS
Colher de plástico
ESPAÇO – LOCAL
Sala
TEMPO DE DURAÇÃO
2 minutos
ATO COMUNICATIVO
Choro, empurrão, gritos e mordidas.

Fonte: elaborado pela própria autora, 2019.

Deivid encontrou um objeto pelo qual se interessou, porque muitas vezes encontra diversas coisas pelo chão e nem sequer as percebe ou pega-as, mas a colher de plástico lhe interessou, olhou fixamente para ela, passou por suas mãos e para finalizar a exploração, colocou – a na boca e voltou a segurá-la com as mãos como se fosse de sua posse, e de fato naquele momento era, mas chegou e sem perder tempo foi logo tomando a colher de Deivid.

Este, não aceitara, e logo o empurrou, e Antônio descontente seguiu – o e como tentativa de conseguir a colher; mordeu Deivid, acreditando que esta seria a melhor maneira de conquistar o objeto. Para defender-se da mordida que foi no braço em que ele segurava a colher, acabou largando, deixando-a cair no chão. Antônio foi muito rápido, abaixou – se, pegou a colher e quando a tinha em suas mãos olhou sério fixamente, como se quisesse dizer: “- Agora a colher é minha!” Deivid chorou e gritou, olhou para Antônio. Da mesma maneira que Deivid, Antônio explorou a colher e em seguida a largou, Deivid observou tudo e não tentou recuperar a mesma.

Durante a cena entre os dois, eles se olharam constantemente. Esses procedimentos adotados pelos bebês, para Castro (2016), em que buscam ao outro, descobrindo, sentindo, tocando, cuidando do outro e vivenciando novas situações, constituem as relações sociais e desenvolvem as estratégias comunicativas entre eles. Entretanto, por meio da interação entre eles e deles com outros/adultos e crianças

maiores, cada bebê na sua individualidade se apropria das formas de comunicação e se constitui como sujeitos de plena linguagem.

Cena 7

BEBÊS Antônio e a professora Gesseli no pátio externo
A professora pede para Antônio que busque a bola que está no pátio
OBJETOS
Bola de borracha
ESPAÇO – LOCAL
Pátio coletivo
TEMPO DE DURAÇÃO
1 minuto
ATO COMUNICATIVO
Olhar, verbalização do adulto.

Fonte: elaborado pela própria autora, 2019.

Antônio caminha pelo pátio atrás das bolas, corre e tenta chutá-las, ele ainda não fala, porém, balbucia bastante. A professora Gesseli o chama e pede para que ele traga a bola de borracha laranja, visto que tem marrons, verdes e azuis. Ele olha para a professora e para as várias bolas que estão espalhadas e vai atrás da bola laranja. No ambiente há várias bolas na cor laranja, ele pega uma delas e leva para a professora, entregando em suas mãos e olhando para ela, como se tivesse realizado a tarefa com sucesso e compreendido o pedido da professora, o que de fato realmente acontecera.

A compreensão da relação entre o signo e o significado que começa a manifestar – se na criança nesta idade é algo diferente, em princípio, de mera utilização de imagens sonoras, imagens de objetos e suas associações. E a exigência de que cada objeto tenha um nome, pode ser considerada uma verdadeira generalização feita pela criança. (VYGOTSKI, 2005, 33).

A ação de Antônio ao ouvir a fala da professora foi instantaneamente olhar para as bolas e encontrar a de cor laranja, ao encontrar, olhou novamente para a professora e foi buscar. A professora ficou acompanhando-o com o olhar, e Antônio trouxe a bola e os dois se olharam e ela jogou novamente para ele, convidando – o para jogar, brincar. Neste episódio identificamos o que Mantovani (2014) chama de “retomada”. A professora encoraja o ato da criança. Como encontra reciprocidade, ou seja, a criança

aceita o desafio lançado, cumpre a tarefa e observa que a professora ficou satisfeita com isso. Esta é uma situação em que se percebe positividade de ambas as partes. Então, ao perceber que a criança responde ao convite de pegar a bola, a professora retoma o convite à brincadeira, estabelecendo assim uma interação face a face, eivada de boas expectativas em relação à resposta da criança.

Cena 8

BEBÊS Antônio interage com a professora Gesseli e com Deivid
A professora pega Antônio no colo e lhe mostra o boi que está pastando, e o bebê fala: BO-BO / Deivid se aproxima e fala também: BO- BO – repetindo a fala de Antônio, e mostrando-se interessado para ver o boi.
OBJETOS
Não há objetos
ESPAÇO – LOCAL
Janela da sala referência com vista para um pasto verde com animais
TEMPO DE DURAÇÃO
2 minutos
ATO COMUNICATIVO
Verbalização de algumas sílabas, gesto de apontar, olhar.

Fonte: elaborado pela própria autora, 2019.

Figura 7 – referente à cena 8



Fonte: acervo de fotos da autora, 2019.

A creche se localiza em um espaço privilegiado na cidade, fica situada em meio a árvores e pastagens, pois foi um terreno doado por um agricultor e quando abrem as janelas se deparam com vistas lindas, passarinhos, plantas, pastagens e até animais; como bois, animais que os bebês gostam de observar. Em um momento destes, a

professora Gesseli passando pela janela viu os animais e Antônio lhe pediu colo. Ela o pegou e mostrou os bois e ele repetiu: “- bo-bo”, apontando para os animais e olhando para a professora. Deivid que passava pela janela também pediu colo para a professora e ela pegou os dois em seu colo. Deivid também apontou para o boi e verbalizou: “- bo-bo”, repetindo os mesmos sons e gestos que Antônio. Os bebês imitaram os sons da professora, porém não é preciso que se possa afirmar que esteja relacionado ao significado e relação ao boi, pois cada um pode ter uma visão sobre a imagem e o significado real.

A professora os observa, eles se olham, olham para os bois e para a professora. Logo se desinteressam e fazem um jogo com o corpo para descer do colo, primeiro Deivid e depois Antônio, os dois saem caminhando. Nos dias que seguem, por algumas vezes, eles passavam pela janela e repetiam: “- bo-bo”, apontando com o indicador para os bois, mesmo que não estivessem os vendo.

Para Vygotsky (2005) é crucial que os professores saibam a dimensão do afetivo e cognitivo, não separando o intelecto do afeto, pois segundo ele, os desejos, necessidades, emoções, motivações, interesses, impulsos do indivíduo dão origem ao pensamento que por sua vez exerce influência sobre o aspecto afetivo-cognitivo, colaborando para o desenvolvimento de outras habilidades essenciais aos bebês como, por exemplo, o desafio ao desenvolvimento da linguagem.

Cena 9

BEBÊS Alberto com a professora Gesseli
Alberto aponta com o dedo para o paninho que está no balcão, à professora lhe entrega, ele pega e vai caminhando para a sala de dormir, mas a porta está fechada. Ele bate, balbucia, a professora vai até ele e lhe explica que ainda não é hora, ele devolve a ela e sai.
OBJETOS
Paninho de estimulação
ESPAÇO – LOCAL
Sala
TEMPO DE DURAÇÃO
2 minutos
ATO COMUNICATIVO
Gestos com as mãos e balbucios

Na sala referêcia são disponibilizados alguns paninhos para os bebês, eles são feitos de material macio, nas cores branca, azul e vermelha, ficam por vezes à disposição, no balcão, no chão, nos carrinhos dos bebês. Num determinado momento, havia um jogado no chão e por volta das 9 horas, Alberto andava pela sala, quando percebeu aquele paninho, juntou, olhou e depois o encostou a seu rosto. Olhou para a professora Gesseli que estava no mesmo espaço que ele e correu para a porta da entrada onde fica a sala de dormir. Bateu na porta por 3 vezes até que a professora foi perto dele e deu – lhe a mão, explicando que ainda não era hora de dormir. Eles se olharam e Alberto entregou o paninho para a professora e saiu.

Embora tenhamos observado no conjunto dos episódios, que as professoras acolhiam bem as iniciativas de comunicação das crianças. Embora elas estivessem sempre presentes, oferecendo suporte, apoio, desafios aos bebês. Embora fossem responsivas a suas estratégias comunicativas, identificamos muita rigidez na constituição da rotina diária dos bebês.

Obviamente que este não é objeto do nosso estudo, ou seja, não tomamos como unidade de análise a rotina diária. No entanto, é no interior da rotina, sem seu fluxo cotidiano que estas interações ocorrem. E é nesse fluxo que encontramos reiteradamente, momentos estanques, controlados pelo tempo do relógio – como a “hora de dormir”, controlados também por uma visão mais adultocêntrica (DIAS e SANTOS, 2012) de estruturação do tempo, em detrimento de uma organização que responde mais às necessidades de cada bebê e do grupo de crianças.

Cena 10

BEBÊS Alberto e professora Gesseli
No período de inserção Alberto chorou muito, gritou não se alimentou, nem interagiu com outros bebês e para tentar acalmá-lo a professora fez massagem em suas costas, acariciando – o. Assim ele foi relaxando e parando de chorar, após foram à sala e ele foi trocado e a professora lhe entregou seu paninho, ele o cheirou e logo dormiu.
OBJETOS
Paninho de estimulação
ESPAÇO – LOCAL
Refeitório e sala

Cena 10 (Conclusão)

TEMPO DE DURAÇÃO
10 minutos
ATO COMUNICATIVO
Choro, olhar, balbucios, gritos.

Fonte: elaborado pela própria autora, 2019.

Alberto está no período de inserção e cada vez que a sua mãe o deixa na unidade educativa, ele chora muito. Frequenta a creche somente no período matutino, mas nestes períodos chora muitas vezes, em diferentes momentos. Anda pela sala do berçário e de repente quando se lembra, fica parado, chora, olha para a professora Gesseli. A professora conversa com ele. Alberto senta – se no chão e chora mais ainda. Essa interação se repete, a professora pede que ele não chore que a mãe logo volta; que ele venha brincar com as peças de encaixe, com as bolas, na piscina de bolinhas, mas nada o interessa.

Ele não interage com nenhum bebê e se algum deles somente encostar-se a ele, sua reação é intensificar o choro, olhando fixamente para o bebê que o encostou. No café da manhã, às 08h15min e também no almoço, às 10h20min. Alberto foi colocado numa cadeira e desde este momento ele já chorava, a professora sempre conversando com ele, tentando acalmá-lo, tentando alimentá-lo, dizendo: “- O que houve Alberto, quer comer, olha só que gostoso, os outros bebês também estão comendo.” E aos poucos tentava colocar a colher em sua boca; mas era praticamente impossível de tanto que ele chorava. Ela desistiu de alimentá-lo se distanciou um pouco e ele a acompanhava com os olhos. Quando a professora notou que ele não parava de chorar e que realmente estava demais, ela se aproximou e passou a mão sobre sua cabeça, fez leves toques no pescoço e novamente na cabeça, segurou em sua mão e sem falar nada ele foi se acalmando. Após uns 5 minutos, ele parou de chorar, aí a professora conseguiu alimentá-lo. Ele suspirou por várias vezes, coçou o rosto, olhou muitas vezes para a professora. Os bebês foram para a sala referência, foram trocados e colocados para dormir, assim também aconteceu com Alberto, que logo em seguida não chorou mais e adormeceu no carrinho de bebê até que sua mãe veio buscá-lo.

Embora a inserção seja um momento complexo e doloroso para a criança, o que objetivamos colocar em discussão aqui não é o acolhimento em sim. O que nos interessa provocar a reflexão é o quando, em diferentes momentos que constituem o cotidiano, identificamos como processos de reiteração.

Em mais de uma cena, mostramos o quanto as professoras agiam com atenção, cuidado, responsividade a cada criança.

No entanto, identificamos também que no cotidiano, embora dedicassem atenção individual às crianças e respondessem a elas em suas estratégias, consideramos que as professoras não potencializavam a interação das crianças entre elas.

Algumas crianças, que, a exemplo de Ana Laura, preferiam o isolamento, assim permaneciam por longos períodos, sem quaisquer intervenções das professoras para que as estratégias comunicativas entre pares fossem potencializadas. Nesse sentido, observamos que as professoras agiam mais como espectadoras das ações das crianças e dependendo da situação, ofereciam alguns desafios individuais para elas. Estratégias de co-participante nas interações envolvendo diferentes formas expressivas ficavam mais no patamar da interação face a face (DIAS, 2003).

Cena 11

BEBÊS Bernardo e professora Gesseli
Mexe braços, mãos e pernas, acompanha os sons com os olhos e a cabeça, movimentando – se conforme de onde vem este som, seja de outros bebês que se aproximam dele na sala, desde choros ou a própria fala da professora com os bebês e com o Bryan, também reagindo a eles com os movimentos corporais e sorrisos.
OBJETOS
Não há objetos
ESPAÇO – LOCAL
Sala, bebê no bebê conforto.
TEMPO DE DURAÇÃO
2 minutos
ATO COMUNICATIVO
Movimentos com pernas, braços e expressões faciais.

Fonte: elaborado pela própria autora, 2019.

Bernardo chora poucas vezes, quando quer se comunicar, mexe os braços e as pernas. A professora Gesseli é muito atenciosa e carinhosa com ele. Ele ainda não senta, mas algumas vezes é colocado no bebê – conforto sobre um tapete emborrachado na sala, para que observe os outros bebês. Acompanha com os olhos a todos, aqueles que passam, circulam, choram e conforme o som emitido pelos outros bebês ele movimenta

com mais ou menos intensidade os braços e pernas. Para curtos e baixos sons, ele mexe poucas vezes e com leveza seus membros, mas se algum bebê chorar alto, ele movimenta com bastante frequência e com mais intensidade as pernas e braços, procurando com os olhos de onde vem o som emitido.

A professora dialoga com ele; pergunta se está tudo bem, se está feliz... ele sorri para ela, correspondendo ao seu sorriso, emitindo alguns balbucios e levantando as sobrancelhas, movimentando seus membros. Vygotsky (2005) defende a ideia de que a fala na interação verbal desempenha um papel importante na formação e organização do pensamento complexo. Schmitt (2008) afirma que conversar com os bebês é importante para sua constituição, mas também é importante observar o corpo, expressividade nessa relação que é impressa por comportamentos extraverbais (BAKHTIN, 1986) que completam a comunicação com o *outro*: o tom da voz, o olhar de aprovação/desaprovação/alegria/entusiasmo, o gesto. O tom dócil que a professora utiliza faz com que Bernardo se sinta mais seguro ao reagir a seus desafios. Para Bakhtin (1986), o diálogo é conceituado como a forma clássica da comunicação verbal. Os adultos que trabalham com bebês não se expressam oralmente o tempo todo com eles, seria ilusório fazer tal afirmação, mas falam ou dialogam constantemente por meio do corpo e de suas ações. O bebê Bernardo age e reage às palavras ditas pela professora, demonstrando compreensão por meio de gestos. Pensar em diálogo remete, em um primeiro momento, à comunicação verbal, em que as vozes se alternam e o constituem, mas o diálogo como interdependente do enunciado possibilita compreendê-lo “[...] não apenas como a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda a comunicação verbal, de qualquer tipo que seja” (BAKHTIN, 1986, p.55), e nesta análise, a comunicação não se restringe à fala, ao contrário, se constitui por diferentes estratégias comunicativas.

A análise das ações dos bebês, realizada neste estudo, permitiu perceber que a primeira estratégia de comunicação entre e dos bebês que mais chama a atenção são as ações do olhar, que comunicam e dialogam com uma rede de situações postas, encorajando outras situações comunicativas entre eles. Como Bernardo percebeu que fora compreendido pela professora, deu continuidade aos suas estratégias comunicativas avançando além dos olhares, mas também com gestos faciais e corporais demonstrando a sua satisfação e felicidade.

Para Guimarães (2009, p. 106), “Perceber o olhar dos bebês significa perceber onde estão situados, no movimento de desenvolver responsividade com eles.” Nesse sentido, o olhar dos bebês é mais que expressão, é um meio de estabelecer relação com outros sujeitos, sejam eles crianças, sejam eles adultos.

Cena 12

BEBÊS - Bernardo e a professora Gesseli
Ao fazê-lo dormir no carrinho, a professora coloca um paninho próximo de seu rosto, ele fecha os olhos e logo adormece.
OBJETOS
Paninho de estimacão
ESPAÇO – LOCAL
Sala, carrinho de bebê.
TEMPO DE DURAÇÃO
2 minutos
ATO COMUNICATIVO
Olhar fixo

Fonte: elaborado pela própria autora, 2019.

Ao retornarem do refeitório após o almoço, os bebês são trocados e colocados para dormir na sala de repouso. Bernardo é trocado e colocado no carrinho de bebê, sempre é feito o mesmo procedimento, referindo – se à rotina que seguem. A professora Joseane o colocou no carrinho de bebê, balançou-o um pouco e ele não adormecia, movimentava- se de um lado para o outro, inquieto. A professora Joseane comentou com a professora Gesseli sobre o que poderia estar acontecendo, pois ele sempre adormecia com facilidade. A professora Gesseli foi até o carrinho e olhou para Bernardo e disse: “- Que foi bebê? Por que não dorme, se está com sono?!” Para Schmitt (2008) é essencial aos bebês que ainda não falam que não expressam verbalmente seus sentimentos, desejos e necessidades, a posição de empatia dos profissionais que se torna imprescindível para sua constituicão.

Bernardo coçava os olhos e inquieto balbuciava, até que a professora Gesseli percebeu que faltava o paninho de estimacão dele. Com rapidez foi até o balcão e o pegou, mostrou-o para o Bernardo e disse: “- É isto que você quer Bryan, hein?!” E ela sorriu e ele retribuiu também com um sorriso e com o movimento dos braços e pernas.

Ela colocou o paninho sobre o rosto dele, Bernardo virou- se para o lado, encostando-se ao travesseiro e em questão de 1 minuto adormecera.

Ao refletir sobre essas estratégias de comunicação como constituidoras da linguagem entre os e dos bebês, torna-se importante pensar que, entre crianças que ainda não falam, os recursos comunicativos serão amplos e diferenciados do que se vê entre crianças maiores, já com o domínio da linguagem verbal. Nesse sentido, o corpo, os gestos, olhares, sorrisos, choros e algumas verbalizações, como princípio para a compreensão de como o processo da linguagem, na sua complexidade, ocorre. (CASTRO, 2011, p. 102).

As professoras souberam compreender que faltava algo para Bernardo dormir. O bebê demonstrou com movimentos corporais sua insatisfação, olhares e sorrisos foram estratégias comunicativas utilizadas por ele.

Bebês escolhem algum gesto para demonstrar sua satisfação ou insatisfação. Bernardo reagiu à intervenção da professora coçando os olhos e demonstrando inquietude, após ela encontrar o paninho de estimulação e mostrar – lhe, ele reagiu com sorrisos e tranquilidade demonstrando que era o paninho que estava faltando para que pudesse dormir.

Nas ações e reações há compreensão por parte das professoras e do bebê Bernardo e conforme a ação ou a reação expressa; relata – se o desejo suprido ou não. Compreender as estratégias comunicativas que os bebês expressam é muito importante para a convivência dentro do espaço da creche.

Figura 8 – referente à cena 12



Fonte: acervo de fotos da própria autora, 2019.

Cena 13

BEBÊS Bernardo – Antônio e professora Gesseli
Bolas de borracha estão espalhadas pelo pátio, a professora pede a Antônio que circula próximo a ela para que lhe traga uma bola, ele traz. Ela entrega para Bryan, que agarra com firmeza levando-a a boca e movimentando com rapidez as pernas. Bernardo olha fixamente para Antônio quando a bola cai no chão.
OBJETOS
Bolas de borracha
ESPAÇO – LOCAL
Pátio coletivo
TEMPO DE DURAÇÃO
1 minuto
ATO COMUNICATIVO
Gestos corporais com braços e pernas se balançando e expressões faciais – erguer de sobrancelhas * olhares e sorriso

Fonte: elaborado pela própria autora, 2019.

No período de recreação entre 9 e 10 horas, os bebês foram levados para o pátio externo e coberto. Algumas bolas e caixas de papelão foram espalhadas para que eles brincassem. Enquanto alguns chutam as bolas, outros as pegam com as mãos e jogam para o alto, outros se escondem dentro das caixas...

A professora Gesseli está com Bernardo no colo, considerando que ele ainda não senta e nem engatinha. Ela o balança no colo e ele sorri, também acompanha com o olhar os movimentos dos outros bebês. A professora pede para Antônio que traga uma bola para Bernardo.

“Antônio, traga uma bola para Bernardo brincar!”

Antônio olha para Bernardo e olha para a bola mais próxima, pega e leva para o bebê Bryan, entregando na mão. Enquanto Antônio pegava a bola, Bernardo olhava fixamente para ele, acompanhando a atitude de pegar a bola, compreendendo o que estava acontecendo, pois quando a professora chamou o nome de Antônio, Bernardo o reconheceu, demonstrando saber com qual bebê a professora se comunicava. Para Angela Coutinho (2010):

O olhar permite a captação dos acontecimentos e ao mesmo tempo permite a comunicação dos sentimentos, dos combinados, das ações recíprocas. Nessa perspectiva, o olhar é em si uma ação, que permite a partilha e a significação do que é comunicado. A tarefa da „tradução” das ações das crianças bem pequenas coloca para quem se propõe desenvolvê-la, a condição de aprender dessa polifonia própria da comunicação entre as crianças, que, se para alguns pode remeter a incompletude e falta, para outros se revela, na verdade, como complexa trama relacional. (COUTINHO, 2010, p. 184)

Ao entregar a bola, Bernardo agarra fortemente com as mãos e os pés levando à boca, ele tenta morder, mas a bola cai no chão e instantaneamente Bernardo procura Antônio entre os outros bebês e ao encontrá-lo com os olhos, mexe os braços e pernas. Quando a bola cai e ele olha para Antônio, parece querer dizer que Antônio deveria novamente buscar a bola para ele. O olhar é tão atuante na comunicação do ser humano tanto quantas outras ações, como dos movimentos e da própria fala, porém, essas ações não são únicas e não desaparecem na medida em que o sujeito elabora e amplia o desenvolvimento verbal (Vygotsky, 1996). Antônio não pegou a bola, pois a professora Gesseli não pediu, e também Antônio nem sequer percebera que Bernardo estava sem a bola. As palavras que a professora enunciou para Antônio foram essenciais para a compreensão entre eles no contexto da atividade no pátio, o bebê compreendeu as palavras dela com o objeto relacionado que foi a bola. Para Castro:

As crianças pequeninas têm os sentidos apurados para ver o invisível e a sensibilidade para manifestar, nas múltiplas linguagens, o potencial criativo e interativo das ações. Essa ampliação dos sentidos nos bebês e as estratégias de comunicação que assumem, favorece o aprofundamento da interação entre eles e promove novas descobertas de como podem agir e se relacionar com o outro humano e o outro objeto. (CASTRO, 2011, p.163)

Cena 14 (Continua)

BEBÊS Deivid interage com a professora Joseane e Antônio
Deivid aponta para seu copinho de água e fala: “- APA.” Solicitando à professora que deseja beber água. Antônio se aproxima e pede: “- AGU.” A professora entrega os copinhos para os dois, eles se sentam no chão e bebem água trocando olhares.
OBJETOS
Copo de plástico
ESPAÇO – LOCAL
Sala

Cena 14 (Conclusão)

TEMPO DE DURAÇÃO
1 minuto
ATO COMUNICATIVO
Sons com sílabas – gestos de apontar, olhar.

Fonte: elaborado pela própria autora, 2019.

Existe na sala um balcão onde há pia, micro-ondas, bebedouro; ali também ficam os copos dos bebês, cada um tem o seu. Deivid pede para professora Joseane para ela lhe dar água. Ele passa pelo bebedouro e aponta com o dedo para o copo e diz: “- APA”, e olha para a professora. Esta pega o seu copo plástico e coloca água, se senta no chão e bebe a água. Antônio que está próximo, o vê bebendo água e pede também, mas não aponta para o copo, ele olha para Deivid e diz: “- AGU.” A professora lhe entrega a água e Antônio senta ao lado de Deivid, os dois se olham e bebem a água. Logo começam a virar o copo e a água cai no chão, mas a professora pega e retira os dois copos.

Tanto Deivid como Antônio querem água, porém, expressam esse desejo de maneiras diferentes, “APA” e “AGU”, e a professora compreende. Antônio, ao perceber que Deivid estava bebendo água, pediu também, mas não utilizou o gesto de apontar, ele apenas olhou para Deivid e disse para a professora que queria água. Ficou mais fácil para Antônio se expressar, pois já havia Deivid ali, porém, Deivid precisou apontar para a caneca e falar “APA” e ser atendido. Para Bakhtin:

Compreender a enunciação de outrem significa orientar-se em relação a ela, encontrar o seu lugar adequado no contexto correspondente. A cada palavra da enunciação que estamos em processo de compreender, fazemos corresponder uma série de palavras nossas, formando uma réplica. Quanto mais numerosas e substanciais forem, mais profunda e real é a nossa compreensão. (1986, p.137)

Durante as observações pudemos constatar que Deivid e Antônio interagem constantemente, mesmo que às vezes disputem objetos e se mordam se empurrem, mas também se abraçam e sorriem juntos. Para Castro (2016) os bebês formam os grupos de pares e assumem posições nas atitudes que tomam diante do contexto que os cercam. E, se eventualmente as crianças estabelecem as relações entre elas sem fazer uma distinção pretensiosa a respeito de com quem desejam estar juntas, no mínimo permanecem em contato uma com a outra enquanto sentem a possibilidade de interação e construção de uma ação que desperta interesse entre elas. Percebemos que esta relação entre eles é

frequente e que de fato interagem entre pares. Por vezes assumem o lugar de atores das ações e em outras, como receptores, reagindo às estratégias comunicativas emitidas pelo seu parceiro. Cada bebê busca formas de se relacionar, significando e ressignificando suas experiências. É um diálogo sem palavras, mas permeado de significados por meio dos gestos, movimentos, nas expressões diversas que ganham sentido pela significação que o outro/bebê lhe confere.

Cena 15

BEBÊ Elena interage com a professora Gesseli
Ao ser impedida de alguma ação, como não entrar na sala de trocar fraldas, não empurrar os amiguinhos por onde anda, ela grita, sapateia, chora. Elena olha para a professora e grita, chora e empurra.
OBJETOS
Não há objetos
ESPAÇO – LOCAL
Sala
TEMPO DE DURAÇÃO
10 minutos
ATO COMUNICATIVO
Olhar fixo, gritos, choro, sapateia, empurros.

Fonte: elaborado pela própria autora, 2019.

Elena está tranquilamente circulando pela sala quando um bebê se aproxima e ela o empurra, grita, chora. O outro bebê olha para ela e se afasta sem mesmo ter tocado nela. Em seguida ela busca o olhar da professora Gesseli e retorna o olhar para o outro bebê com reprovação, com as sobrancelhas curvadas e sorriso fechado. Elena sai andando.

Neste dia ela fez isto com os bebês: Jeferson, Deivid, Marcos. E principalmente com estes, que tem como hábito mordê-la em suas interações. O que pudemos compreender com o decorrer da pesquisa foi que Elena ao gritar quando eles se aproximavam fazia com que eles se afastassem para que não a mordessem, pois ela também tinha por hábito mordê-los.

A ação dela ao se comunicar com outros bebês por meio de gritos e choro, empurrões, resultava numa estratégia de afastamento. Para Castro (2016) os bebês

conhecem mais de si do que podemos supor. A interação entre eles pelo contato físico, pelo sorriso e pelo olhar revelam relações recíprocas de partilha das experimentações e também por rejeições.

Cena 16

BEBÊS Jeferson interage com a professora Gesseli e Marcos
Às vezes Jeferson deixa seu pato pelo chão da sala, e num momento deste, a professora pediu para Marcos que estava próximo ao pato que o trouxesse para que ela pudesse guardar, mas Jeferson que estava mais distante ouvira, e veio correndo e conseguiu ajuntar o objeto antes de Marcos, sentou – se no chão e abraçou o pato, não entregando à professora.
OBJETOS
Pato de pelúcia
ESPAÇO – LOCAL
Sala
TEMPO DE DURAÇÃO
1 minuto
ATO COMUNICATIVO
Gesto com as mãos, olhar.

Fonte: elaborado pela própria autora, 2019.

Todos os dias juntamente com a bolsa de roupas do bebê Jeferson, vem o seu pato de pelúcia. Houve um dia que foi deixado por esquecimento e este se encontrava juntamente com as peças de encaixar que estavam espalhadas pela sala. Quando os bebês foram brincar com as peças a professora Gesseli percebeu que o pato de Jeferson havia ficado juntamente com aqueles brinquedos. A professora chamou Marcos que estava brincando por perto para que trouxesse o pato “–Marcos traz o “Pafúcio ” para a professora guardar.” Jeferson que estava brincando na piscina de bolinhas largou as bolinhas que tinha nas mãos e veio correndo pegar o pato de pelúcia.

Para Bakhtin toda palavra é carregada de sentido e cada criança compreende de uma maneira:

Ao retornar para si o olhar e as palavras impregnadas de sentido que o outro lhe transmite, a criança acaba por construir sua subjetividade a partir dos conteúdos sociais e afetivos que este olhar e estas palavras lhe revelam. Podemos nos acercar das conversas infantis, percebendo o quanto importa o sentido do olhar e das palavras que dirigimos as crianças. Mas o sentido da realidade não se esgota nas interações entre olhares e palavras que ocorrem entre as pessoas também está presente nos objetos inventados pelo homem que existem ao nosso redor. (1996, p. 66).

Quando a professora pediu para Marcos pegar um objeto específico, o bebê olhou para ela e ficou procurando no chão o que ela havia pedido, ele percebera que ela pedira algo, porém, estava procurando associar o som da fala com o objeto solicitado. Enquanto isso Jeferson, que sabia do que a professora estava falando, foi logo pegar o seu pato.

Ao encontrá-lo, pegou-o e sentou-se no chão, abraçando-o, logo em seguida olhou para a professora e ficou um tempo abraçado com o pato. Depois disto, a professora disse: “Agora é para guardar Jeferson porque não está na hora de dormir.” Jeferson olhou para a professora e entregou para que ela guardasse dentro de sua bolsa.

Figura 9 – referente à cena 16



Fonte: acervo de fotos da própria autora, 2019.

Cena 17

BEBÊS Jeferson interage com a professora Gesseli, Marcos, Elena e Alberto.
OBJETOS
Peças de encaixe, porco de borracha.
ESPAÇO – LOCAL
Sala
TEMPO DE DURAÇÃO
20 minutos +-
ATO COMUNICATIVO
Olhar, mordida, choro, gritos.

Fonte: elaborado pela própria autora, 2019.

Figura 10 – referente à cena 17



Fonte: acervo de fotos da própria autora, 2019.

A fala mais áspera da professora Gesseli, com expressão facial séria e o tom de voz firme fez com que o bebê Jeferson parasse e olhasse para ela. Para Bakhtin (2003), o aspecto valorativo do falante com o objeto é a entonação. A entonação expressiva é um traço constitutivo do enunciado. “[...] Se uma palavra isolada é pronunciada com entonação expressiva, já não é uma palavra, mas um enunciado acabado, expresso por uma palavra [...]” (BAKHTIN, 2003, p. 290) A entonação passa a ser uma espécie de elo vivo que caracteriza a verbalização de uma forma ou de outra, conforme é expressa. Ele olha fixamente para a professora com um olhar sério e por fim chora. Para Castro (2016) o choro não representa apenas incômodo, mas também protesto, ou renúncia,

podendo representar, além disto, outras formas de expressão dependendo do momento e da situação em que está inserido o bebê.

Segundo Schmitt (2008) ao iniciar um movimento, olhar o outro, oferecer-lhe esse movimento e reagir à sua resposta nos dá indícios de que os bebês constituem, nas relações em grupo, à capacidade dialógica e nestas relações surgem às reações às estratégias comunicativas. Para Castro (2016) constata-se, desse modo, que a estrutura do espaço coletivo é permeada pela sutileza da ação dos bebês, que não se furtam em encontrar na experiência do vivido, novas estratégias para agirem.

As cenas aqui selecionadas foram extraídas dos registros videográficos, fotográficos e também das notas de diário de campo. Por meio desses registros, pudemos perceber e analisar as estratégias comunicativas dos bebês nas interações entre pares e com as professoras.

No decorrer do estudo, adotamos um protocolo de observação, que serviu de parametrização para organização das cenas aqui apresentadas e que consta em anexo neste estudo.

Figura 11 - Cenas de interação na sala do berçário



Fonte: acervo de fotos da própria autora, 2019.

Estratégias comunicativas utilizadas por cada bebê pesquisado durante o período das observações

Bebês	Fazem	Atos comunicativos	Objetos	Espaços
Ana Laura – 06/05/2017 * 1 ano e 09 meses	Resmunga, organiza os objetos em fileira, sorri, observa as crianças, choraminga, se retrai, se isola.	Olhar, gestos, sons, choro, sons como balbucios, sorrisos.	Comidas (milho e brócolis), bolas de borracha e de plástico, objetos menores.	Sala de berçário, piscina de bolinha, em frente à televisão, parque.
Antônio – 21/10/2017 * 1 ano e 04 meses	Estimula os amigos, anda pela sala, desiste dos objetos disputados, pede as coisas.	Olhar, gesto com as mãos, abraça sorrisos, choro, mordidas, fala com vogais tônicas.	bolas, brinquedos de montar,	sala de berçário
Alberto – 13/04/2018 * 10 meses	Chora muito, resmunga, cheira paninho para dormir	Olhar, choro, gestos, sorrisos, aponta com dedos.	paninho, brinquedos	Sala de berçário, refeitório.
Bernardo – 20/08/2018 * 05 meses	Movimenta as pernas e braços, mão, olhos, acompanha sons com os olhos e com a cabeça, chora, resmunga.	Olhar, choro, sorrisos, gesto corporal.	bolas, mordedores	sala de berçário
Deivid – 29/09/2017 * 01 ano e 05 meses	Olha fixo nos olhos da professora e das crianças,	Olhar, gesto, mordida, empurrões, choro, fala com vogais tônicas, sorriso.	brinquedos diversos	Sala de berçário, refeitório.
Elena – 29/10/2017 * 01 ano e 04 meses	Grita disputa brinquedo, olha fixo para as outras crianças, empurra-as, belisca.	Olhar, gesto, mordidas, choro, empurrões, abraça, sorriso.	brinquedos diversos	Sala de berçário, refeitório.
José – 15/09/2017 * 01 ano e 05 meses	Empurra, beija as crianças, passa a mão na cabeça delas, após bater, derruba, adora pato de pelúcia utiliza para dormir.	Olhar, empurrão, choro, gesto corporal, sorriso, abraça.	brinquedos diversos	Sala de berçário, refeitório.
Marco – 03/12/2017 * 01 ano e 02 meses	Circula pela sala, chora, desiste dos brinquedos disputados, não bate nem morde,	Olhar, choro, sorriso, abraça, empurrão, fala com balbucios.	brinquedos diversos	sala de berçário, refeitório

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalizo este estudo lembrando o pensamento de Bakhtin (1996), para quem a linguagem nunca está completa, pois constitui uma tarefa, um projeto caminhando e sempre inacabado.

Com a pesquisa realizada com bebês investigando as estratégias comunicativas produzidas por eles para se comunicarem entre si e com os adultos, percebi que realmente toda forma de comunicação envolve uma intenção que leva à outra e a um entendimento por parte de quem interage e ela nunca se finaliza, pois, a partir da compreensão; outras estratégias comunicativas surgirão, dando sequência a um conjunto de ações e reações. Para Castro (2016) as estratégias de comunicação e as ações de linguagens entre os bebês são meios que as crianças bem pequeninas têm para manifestar a apropriação que fazem do mundo e da cultura, travando relações sociais, tornando-as sujeitos ativos, capazes de atuar com outros sujeitos de diferentes idades e com seus pares. É nessa interação do bebê com o mundo que o cerca que o processo dialógico se manifesta e ganha importância.

Não existe o primeiro e nem o último ato comunicativo, e nem fronteiras para um contexto dialógico, eles vão renovando – se conforme se desenvolve o diálogo exposto entre as pessoas que interagem.

As questões principais que serviram como bases para meu estudo foram: quais estratégias comunicativas os bebês utilizam para comunicar – se entre si e com os adultos no contexto da creche? E como agem e reagem diante das interações e intervenções dos adultos durante a brincadeira e as atividades rotineiras?

Minha presença no contexto da creche possibilitou uma aproximação mais aprofundada com os sujeitos da pesquisa, que se fez necessária para compreender as principais opções de comunicação dos bebês, como agem nas interações.

Por meio das observações compreendi que o olhar do bebê é carregado de sentidos e como este olhar pode ser o resumo de um intenso diálogo sem palavras, como através dos olhos é possível expressar sentimentos, desejos, insatisfações e alegrias.

Percebi que com a fala, a professora interpreta o ato comunicativo dos bebês, usando, pela entonação de voz, formas de acalmá-los, demonstrar responsividade.

Na perspectiva de Vygotsky (1989), esse processo de trocas e interações é fundamental para o desenvolvimento das funções psicológicas superiores dos bebês em desenvolvimento. Portanto, é importante perceber que, embora os bebês se apropriem

do que está estabelecido, ao mesmo tempo dão novos significados e, de forma sutil, apresentam o modo como se relacionam com o mundo, principalmente com as pessoas que os cercam, como seus pares e professoras.

Para Castro (2016) passa a ser fundamental a intencionalidade das ações pedagógicas e o olhar sensível do adulto no coletivo das creches, onde um número representativo de bebês passa grande parte de seus dias a seguir regras e rotinas da instituição, tendo, por vezes, suas possibilidades de ampliação da linguagem e da emancipação das potencialidades humanas pouco valorizadas. Daí ser imprescindível a sensibilidade do adulto, a auscultação, o acolhimento das mais variadas formas de expressão dos bebês, para que a interação tenha efetivamente um caráter formativo, que potencialize a comunicação e crie um clima positivo de confiança interpessoal e autoconfiança por parte das crianças bem pequenas.

Também no decorrer da pesquisa notei a importância da afetividade vinda das professoras para com os bebês, desde o modo como os trocavam, os alimentavam, ofereciam colos e dialogavam e quanto essas demonstrações de afeto asseguravam aos bebês ações de reciprocidade.

Por se tratar de uma pesquisa com bebês, todo cuidado ético foi importante, pois ao adentrar no berçário e acompanhar a rotina diária (como pesquisadora) passei a fazer parte das interações e do cotidiano, pois estava ali os acompanhando, participando dos diferentes momentos. Em muitas situações, alguns dos bebês vinham até mim, pediam colo, choravam, seguravam a minha perna, sentavam ao meu lado no chão, me entregavam objetos, faziam gestos com as mãos, sorriam e saíam correndo, ou seja, me convidavam a interagir, utilizavam de diferentes estratégias comunicativas para que eu participasse da rotina com eles. Em muitos dias me senti emocionada e encantada, pela riqueza de aprendizagens que a interação com eles e a observação constante do que faziam me proporcionava.

Nada conheceremos completamente no ser humano. Encerro o estudo reconhecendo que, se hoje, após 03 meses que terminei as observações eu retornasse ao berçário, observaria enormes mudanças na linguagem e nas estratégias comunicativas dos bebês. Nesse sentido, entendo que esse estudo pode contribuir à medida que revela, mediante as situações descritas e analisadas, a importância de compreender as estratégias comunicativas utilizadas pelos bebês, pois se eles buscam formas diferenciadas para comunicar – se no meio em que estão inseridos é porque sentem que

há por parte das professoras atenção e respostas imediatas a essas manifestações não verbais.

Os estudos de Dias e Santos (2012), Coutinho (2010), Castro (2016), dentre outros, sinalizam a necessidade de atentarmos para uma Pedagogia específica com os bebês, com as crianças bem pequenas e com as crianças pequenas. Uma Pedagogia da Infância. Uma Pedagogia da Educação Infantil. Tal Pedagogia é aquela que considera, valoriza, respeita e acolhe como agentes do planejamento, da construção da rotina diária, das interações e brincadeira, tanto as crianças quanto os adultos. Uma Pedagogia relacional, como bem diz Mantovani (2014). Desse modo, uma Pedagogia com esse viés, é aquela que busca conhecer e compreender o mundo próprio das crianças. Suas formas peculiares de interpretar e dar sentido a esse mundo. Uma Pedagogia que reconhece as crianças agentes partícipes e não meros objetos no espaço que compreende a creche e também a vida.

Comento com relevância a participação do professor, pois dele surgem oportunidades que no contexto da creche podem colaborar de maneira mais positiva para o desenvolvimento comunicativo dos bebês. Formas de incentivá-los, apoiá-los, desafiá-los nas interações, nas brincadeiras, são momentos próprios para se comunicarem, mesmo que com disputas de brinquedos, choros e mordidas ou abraços, empurrões, gritos e sorrisos, todas estas constituem estratégias que envolvem o outro, que ajudam a obter saltos qualitativos nos aspectos emocionais, afetivos e cognitivos. Nessa mesma direção, Schmitt (2008, p. 14) constata que “o diálogo com as crianças pequeninas torna-se imprescindível na perspectiva de saber o que elas nos indicam sobre o que são o que sentem e como constituem suas infâncias no espaço coletivo”. A linguagem se constitui pela interação dos bebês em diferentes contextos e se transforma continuamente pela própria ação dos sujeitos (bebês/bebês/professoras).

Na estrutura da rotina onde estavam inseridos adultos e bebês; foi possível observar muitos momentos de interação em que predominaram estratégias comunicativas pautadas pelo olhar, pelo choro, pelos balbucios, por expressões faciais, corporais. No conjunto das propostas que estruturavam a rotina, fossem elas momentos de canto, de história, de procura e manuseio de objetos, de exploração do espaço externo, de momentos de alimentação, troca, descanso/sono, estas eram as estratégias comunicativas mais expressas naquele cotidiano. Identificamos que os bebês interagiram muito mais entre eles quando atividades diferentes da rotina aconteciam. Também nos chamou a atenção os cursos intervalos temporais que envolviam a

interação entre os bebês, estruturados em 2 min, 1min, intervalos maiores tinham duração não mais do que 10min, porém, eram os mais esparsos.

Ao mesmo tempo, preciso confessar que não foi fácil apropriar-me de aparto conceitual e metodológico para realizar pesquisa envolvendo bebês e ainda mais adentrar-me nos estudos de Bakhtin e Vygotski. Foi e continua sendo um grande e complexo desafio desenvolver capacidade analítica sob, esse viés, tecer considerações sobre estratégias comunicativas dos bebês, para com os bebês e entre os bebês. Pois a cada observação, a cada tentativa de escrever de modo analítico sobre os dados construídos, percebia que estas estratégias comunicativas estão atreladas a ações únicas de cada bebê; ouvindo, balbuciando, chorando, sorrindo, batendo palmas, olhando, tocando objetos (explorando o meio). Fui concluindo então que os bebês vão estabelecendo vínculos e se apropriando de formas de linguagem importantes para as suas relações no espaço do berçário, atribuindo sentidos e significados muito particulares tanto às interações estabelecidas, quanto as estratégias comunicativas vivenciados neste espaço, o qual não ousa sequer tentar explicar, pois que não me sinto com corpus teórico, metodológico e analítico suficiente ainda para empreender essa tarefa.

Nesse sentido, embora reconheça as fragilidades e lacunas que o texto ora em tela apresenta, acredito que mesmo assim, ele oferece contribuições para a reflexão sobre o cotidiano de uma creche e as formas de ação e reação que as estratégias comunicativas dos bebês em seu contexto provocam entre os pares e entre os adultos. Acredito também que o presente estudo pode suscitar em outros pesquisadores, em outros professores, questões de pesquisa e objetos de conhecimento que tendam a continuar investigando e conhecendo o quão importante é compreender o que tenta expressar um bebê, pois tal compreensão tem condições de alargar as fronteiras etárias tão presentes nos estudos focados nas crianças. A inclusão das crianças bem pequenas nas investigações também permite um ponto de vista que, geralmente, não se revela somente pelas palavras, mas pela multiplicidade de estratégias comunicativas que os humanos têm à sua disposição e que podem facilitar a comunicação humana.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Para uma filosofia do ato responsável**. Tradução de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010 a.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**- 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 5. ed. São Paulo: Hucitec, 1990.

BOGDAN, Roberto C.; BIKLEN, Sari Knop. **Investigação qualitativa em educação**. Tradução Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Porto: Porto Editora, 1994.

BRASIL, **Constituição (1988)**. **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. 4. Ed. São Paulo: Saraiva 1990 a. (Série Legislação Brasileira).

BRASIL, Ministério da Educação. **Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil**. Brasília (DF), 1998.

BRASIL, Ministério da Educação. Resolução n.º 5, de 17/12/2009. Fixa as **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília, DF, 2009.

BRUNER, Jerome. **Sobre a teoria da instrução**. São Paulo: Ph Editora, 2006.

CASTRO, Joselma Salazar de. **A docência na educação infantil como ato pedagógico**

CORSARO, William. **Sociologia da infância**. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.

COUTINHO, Ângela Maria Scalabrin. **A ação social dos bebês**: um estudo etnográfico no contexto da creche. Tese de Doutorado. Universidade do Minho. Braga, Portugal, 2010.

CRUZ, Silvia Helena Vieira. **A criança fala**: a escuta das crianças em pesquisa. CRUZ, S. H. V.. (org.). São Paulo: Cortez, 2008.

DIAS, Julice. **Um estudo sobre a interação adulto-crianças em grupos de idades mistas na educação infantil**. Dissertação de Mestrado (UNIVALI). Programa de Pós Graduação em Educação. 2003.

DIAS, Julice.. **(Pré)-escola, cidades, famílias**: produção de comunidades de sentido em cadeias ritualísticas de interação (1980-1999). Tese de Doutorado. PUC/SP. Programa de Estudos Pós-Graduados em História, Política, Sociedade (EHPS). 2009.

DIAS, Julice; SANTOS. Luciana M. Espíndola. **As infâncias na creche**: cenas do cotidiano. Revista Educação em Questão (UFRN, impresso). Vol. 45, p. 111-137. 2013.

ELIAS, Norbert. 1994. **A sociedade dos indivíduos**. tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. Florianópolis, SC, 2016.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. **Pesquisa qualitativa em psicologia**: caminhos e desafios. Tradução: Marcel Aristides F. Silva. São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2002.

GUIMARÃES, Daniela de Oliveira. **Relações entre adultos e crianças no berçário de uma creche pública na cidade do Rio de Janeiro**: técnicas corporais, responsividade, cuidado. Tese de Doutorado. PUC. Rio de Janeiro. 2008.

MELLO, Suely Amaral. **O lugar da criança na pesquisa sobre a infância**: alguns posicionamentos na perspectiva da teoria históricos – cultural. Revista Reflexão e Ação, Santa Cruz do Sul. v.18, n2, p.183-197, jul./dez. 2010.

NEGRINE, Airton da Silva; NEGRINE, Cristiane Soster. **Educação Infantil: pensando, refletindo, propondo**. Caxias do Sul: EDUCS, 2010.

SCHMITT, Rosinete Valdeci. **“Mas eu não falo a língua deles”**: as relações sociais de bebês num contexto de educação infantil. Dissertação de Mestrado – PPGE-UFSC, Florianópolis, 2008.

VYGOTSKY, Lev. S. **Pensamento e linguagem**. 2. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

VYGOTSKY, Lev. S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

VYGOTSKY, Lev. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1991. 4ª edição.

ANEXOS

Anexos A: Termos de Consentimento de pesquisa pelo Comitê de ética



GABINETE DO REITOR

CONSENTIMENTO PARA FOTOGRAFIAS, VÍDEOS E GRAVAÇÕES.

Eu, professora do berçário II, no período vespertino, do Centro de Educação Infantil Vó Paulina, permito que sejam realizadas fotografia, filmagem ou gravação de minha pessoa para fins da pesquisa científica intitulada “**As diferentes formas de comunicação entre os bebês e adultos no cotidiano de uma creche pública**”, e concordo que o material e informações obtidas relacionadas à minha pessoa possam ser publicados eventos científicos ou publicações científicas. Porém, a minha pessoa não deve ser identificada por nome ou rosto em qualquer uma das vias de publicação ou uso.

As fotografias, vídeos e gravações ficarão sob a propriedade do grupo de pesquisadores pertinentes ao estudo e, sob a guarda dos mesmos.

_____, _____ de _____ de _____

Local e Data

Nome do Sujeito Pesquisado

Assinatura do Sujeito Pesquisado



GABINETE DO REITOR

CONSENTIMENTO PARA FOTOGRAFIAS, VÍDEOS E GRAVAÇÕES.

Permito que sejam realizadas fotografias, filmagem ou gravação de meu filho/dependente para fins da pesquisa científica intitulada **As diferentes formas de comunicação entre os bebês e adultos no cotidiano de uma creche pública**, e concordo que o material e informações obtidas relacionadas ao meu filho/dependente possam ser publicados em eventos científicos ou publicações científicas. Porém, o meu filho/dependente não deve ser identificado por nome ou imagem em qualquer uma das vias de publicação e que as fotografias, vídeos e gravações ficarão sob a propriedade e guarda do grupo de pesquisadores do estudo.

_____, ____ de _____ de _____

Local e Data

Nome do Responsável pelo Sujeito Pesquisado

Assinatura do Responsável pelo Sujeito Pesquisado

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O(a) seu(ua) filho(a)/dependente está sendo convidado a participar de uma pesquisa de Mestrado intitulada; As diferentes formas de comunicação entre os bebês e adultos no cotidiano de uma creche pública, que fará observações tendo como objetivo geral analisar as formas de comunicação que os bebês utilizam para comunicar-se entre si e com os adultos e como objetivos específicos será identificar as formas de comunicação que os bebês utilizam para se expressar no dia a dia educativo da creche; descrever como agem e reagem os bebês a partir da intervenção pedagógica da professora nos momentos interativos que constituem as atividades rotineiras. Tratando – se como questão norteadora do projeto da pesquisa - tem-se a questão problematizada a; quais são formas de comunicação que os bebês utilizam para comunicar – se entre si e com os adultos em suas interações no contexto da creche?

O(a) seu(ua) filho(a)/dependente e seu/sua acompanhante não terão despesas e nem serão remunerados pela participação na pesquisa. Todas as despesas decorrentes de sua participação serão ressarcidas. Em caso de danos, decorrente da pesquisa será garantida a indenização.

A identidade do (a) seu (ua) filho (a) /dependente será preservada, pois cada indivíduo será identificado por um número ou nomes fictícios. Os riscos da pesquisa são considerados e classificados como risco mínimo, por envolver observações, porém alguns podem ocorrer tais como: Invasão de privacidade; Divulgação de dados confidenciais; Interferência na vida e na rotina dos sujeitos; Embaraço ao interagir com estranhos; Considerar riscos relacionados à divulgação de imagem, filmagens ou registros fotográficos. A sua identidade será preservada, pois cada indivíduo será identificado por um número ao invés do nome verdadeiro do sujeito observado na pesquisa. De acordo com os possíveis riscos, caso ocorram, as devidas providências serão tomadas, de acordo com o tipo de risco, e a situação com os envolvidos, buscar soluções o quanto antes e preservar seus nomes. A privacidade será mantida em sigilo, e com relação à interferência na rotina, mesmo que com a presença, é necessário ser neutro, imparcial, não intervir apenas observar, acompanhar, e fazer notar-se o mínimo possível, caso em alguma situação atrapalhar na rotina, deve-se conversar com as professoras sobre quais as possibilidades e os melhores momentos de observação que interfira o mínimo possível em sua rotina e interação. Com relação aos riscos de divulgação de imagem, os rostos não serão com imagens nítidas, tendo o mesmo desfocado, para que não seja possível a identificação, e mesmo assim se houver divulgação sem desfoque, buscar ajuda de profissionais em tecnologia que possam excluir os vídeos e imagens das redes tecnológicas, pode – se tentar identificar a origem do compartilhamento e fazer a denúncia contra essas pessoas. Garantir e preservar a segurança e informações com relação aos dados e imagens para fins não especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido deve ser de responsabilidade dos pesquisadores no decorrer de toda a pesquisa e após; na divulgação dos resultados. Os benefícios e vantagens em participar deste estudo serão compreender a importância da comunicação nesta fase, interpretar as ações e reações dos bebês pode auxiliá – los em seu desenvolvimento linguístico, intelectual, cognitivo e interacional. Os bebês fortalecerão os laços afetivos, os vínculos, a pesquisa estimulará o diálogo, a autonomia, a expressão de ideias e sentimentos, desenvolverá a linguagem e suas potencialidades comunicativas, além da cooperação e interação no ambiente da creche.

As pessoas que estarão acompanhando os procedimentos serão os pesquisadores: Cristiane Degenhardt Comandoli – Graduada pela Universidade do Alto Vale do Itajaí, no curso de Letras / Inglês e Português com complementação em Espanhol pela mesma Universidade – Pós Graduada em Especialização na Docência em Língua Portuguesa

pela Facisa – Faculdade de Ciências Sociais e Aplicadas, mestranda em Educação pela Universidade do Estado de Santa Catarina, orientada pela Profa. Dra. Julice Dias / Diretora Geral FAED/UEDESC - Professora do Departamento de Pedagogia - Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE / Pesquisadora do GEDIN.

O (a) senhor (a) poderá retirar o (a) seu (ua) filho (a) /dependente do estudo a qualquer momento, sem qualquer tipo de constrangimento.

Solicitamos a sua autorização para o uso dos dados do (a) seu (ua) filho (a) /dependente para a produção de artigos técnicos e científicos. A privacidade do (a) seu (ua) filho(a)/dependente será mantida através da não-identificação do nome.

Este termo de consentimento livre e esclarecido é feito em duas vias, sendo que uma delas ficará em poder do pesquisador e outra com o sujeito participante da pesquisa.

NOME DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL PARA CONTATO: Cristiane Degenhardt Comandoli

NÚMERO DO TELEFONE: 47 988251477

ENDEREÇO: Rua: José Miranda – Centro – Presidente Nereu – SC 89184-000

ASSINATURA DO PESQUISADOR:

Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos – CEPESH/UEDESC

Av. Madre Benvenuta, 2007 – Itacorubi – Florianópolis – SC - 88035-901

Fone: (48) 3664-8084 / (48) 3664-7881 - E-mail: cepsh.reitoria@udesc.br / cepsh.udesc@gmail.com

CONEP- Comissão Nacional de Ética em Pesquisa

SRTV 701, Via W 5 Norte – Lote D - Edifício PO 700, 3º andar – Asa Norte - Brasília-DF - 70719-040

Fone: (61) 3315-5878/ 5879 – E-mail: conep@saude.gov.br

TERMO DE CONSENTIMENTO

Declaro que fui informado sobre todos os procedimentos da pesquisa e, que recebi de forma clara e objetiva todas as explicações pertinentes ao projeto e, que todos os dados a respeito do meu(minha) filho(a)/dependente serão sigilosos. Eu compreendo que neste estudo, as medições dos experimentos/procedimentos de tratamento serão feitas em meu(minha) filho(a)/dependente, e que fui informado que posso retirar meu(minha) filho(a)/dependente do estudo a qualquer momento.

Nome _____ por _____ extensão _____

Assinatura _____ Local: _____

Data: ____/____/____ .

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Os (as) professores (as) estão sendo convidados (as) a participar de uma pesquisa de Mestrado em Educação; intitulada: **As diferentes formas de comunicação entre os bebês e adultos no cotidiano de uma creche pública**, que fará observações, tendo como objetivo geral: Analisar as formas de comunicação que os bebês utilizam para comunicar-se entre si e com os adultos; e como objetivos específicos ;identificar as formas de comunicação que os bebês utilizam para se expressar no dia a dia educativo da creche; descrever como agem e reagem os bebês a partir da intervenção pedagógica da professora nos momentos interativos que constituem as atividades rotineiras. Como questão central e norteadora: Quais são formas de comunicação que os bebês utilizam para comunicar – se entre si e com os adultos em suas interações no contexto da creche? Serão previamente marcados a data e horário para as observações de acordo com o cronograma previsto no plano detalhado que lhes será apresentado ante a pesquisa, utilizando anotações, descrições e relatos das ações realizadas com os bebês. Estas medidas serão realizadas no berçário no período vespertino do Centro de Educação Infantil Vó Paulina.

Os (as) professores (as) não terão despesas e nem serão remunerados pela participação na pesquisa. Todas as despesas decorrentes de sua participação serão ressarcidas. Em caso de danos, decorrente da pesquisa será garantida a indenização.

Os riscos da pesquisa são considerados e classificados como risco mínimo, por envolver observações, porém alguns podem ocorrer tais como: Invasão de privacidade; Divulgação de dados confidenciais; Interferência na vida e na rotina dos sujeitos;

Embaraço ao interagir com estranhos; Considerar riscos relacionados à divulgação de imagem, filmagens ou registros fotográficos. A sua identidade será preservada pois cada indivíduo será identificado por um número ao invés do nome verdadeiro do sujeito observado na pesquisa. De acordo com os possíveis riscos, caso ocorram, as devidas providências serão tomadas, de acordo com o tipo de risco, e a situação com os envolvidos, buscar soluções o quanto antes e preservar seus nomes. A privacidade será mantida em sigilo, e com relação à interferência na rotina, mesmo que com a presença, é necessário ser neutro, imparcial, não intervir, apenas observar, acompanhar, e fazer notar-se o mínimo possível, caso em alguma situação atrapalhar na rotina, deve-se conversar com as professoras sobre quais as possibilidades e os melhores momentos de observação que interfira o mínimo possível em sua rotina e interação. Com relação aos riscos de divulgação de imagem, os rostos não serão com imagens nítidas, tendo o mesmo desfocado, para que não seja possível a identificação, e mesmo assim se houver divulgação sem desfoque, buscar ajuda de profissionais em tecnologia que possam excluir os vídeos e imagens das redes tecnológicas, pode – se tentar identificar a origem do compartilhamento e fazer a denúncia contra essas pessoas.

Garantir e preservar a segurança e informações com relação aos dados e imagens para fins não especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido deve ser de responsabilidade dos pesquisadores no decorrer de toda a pesquisa e após; na divulgação dos resultados. Os benefícios e vantagens em participar deste estudo serão que através da pesquisa, pretende-se reconhecer a importância das interações proporcionadas no espaço da creche aos bebês, pois desenvolverá experiências positivas para o desenvolvimento e capacidade expressiva. Compreender que planejar atividades que valorizem as formas comunicativas e a capacidade cognitiva dos bebês, pode auxiliar ao melhor entendimento das ações destes bebês, detectando seus desejos e anseios, bem como suas necessidades, e não apenas se baseando em achismos, também

perceber possíveis anormalidades no comportamento comunicativo e interativo das relações dos bebês com os seus pares e com adultos no espaço da creche. Contribuirá para o desenvolvimento cognitivo, linguístico e interativo dos bebês e a sua importância educativa como ato pedagógico a partir dos profissionais que estão habilitados e responsáveis por este processo de formação dentro da creche e na educação infantil.

As pessoas que estarão acompanhando os procedimentos serão os pesquisadores: Cristiane Degenhardt Comandoli – Graduada pela Universidade do Alto Vale do Itajaí, no curso de Letras / Inglês e Português com complementação em Espanhol pela mesma Universidade – Pós Graduada em Especialização na Docência em Língua Portuguesa pela Facisa – Faculdade de Ciências Sociais e Aplicadas, mestranda em Educação pela Universidade do Estado de Santa Catarina, orientada pela Profa. Dra. Julice Dias / Diretora Geral FAED/UDESC - Professora do Departamento de Pedagogia - Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE / Pesquisadora do GEDIN.

Os (as) professores (as) poderão se retirar do estudo a qualquer momento, sem qualquer tipo de constrangimento.

Solicitamos a sua autorização para o uso de seus dados para a produção de artigos técnicos e científicos. A sua privacidade será mantida através da não identificação do seu nome, pois cada sujeito da pesquisa será identificado por um número. Este termo de consentimento livre e esclarecido é feito em duas vias, sendo que uma delas ficará em poder do pesquisador e outra com o sujeito participante da pesquisa.

NOME DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL PARA CONTATO: Cristiane Degenhardt Comandoli

NÚMERO DO TELEFONE: 47 988251477

ENDEREÇO: Rua: José Miranda – Centro – Presidente Nereu – SC 89184-000

ASSINATURA DO PESQUISADOR:

Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos – CEPESH/UDESC

Av. Madre Benvenuta, 2007 – Itacorubi – Florianópolis – SC -88035-901

Fone/Fax: (48) 3664-8084 / (48) 3664-7881 - E-mail: cepsh.reitoria@udesc.br / cepsh.udesc@gmail.com

CONEP- Comissão Nacional de Ética em Pesquisa

SRTV 701, Via W 5 Norte – lote D - Edifício PO 700, 3º andar – Asa Norte - Brasília-DF - 70719-040

Fone: (61) 3315-5878/ 5879 – E-mail: conep@saude.gov.br

TERMO DE CONSENTIMENTO

Declaro que fui informado sobre todos os procedimentos da pesquisa e, que recebi de forma clara e objetiva todas as explicações pertinentes ao projeto e, que todos os dados a meu respeito serão sigilosos. Eu compreendo que neste estudo, as medições dos experimentos/procedimentos de tratamento serão feitas em mim, e que fui informado que posso me retirar do estudo a qualquer momento.

Nome _____ por _____ extens

Assinatura _____ Local: _____ Data: _____
 ____/____/____.



FOLHA DE ROSTO PARA PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS

1. Projeto de Pesquisa: As diferentes formas de comunicação entre os bebês e adultos no cotidiano de uma creche pública			
2. Número de Participantes da Pesquisa: 12			
3. Área Temática:			
4. Área do Conhecimento: Educação, Grande Área 7. Ciências Humanas			
PESQUISADOR RESPONSÁVEL			
5. Nome: CRISTIANE DEGENHARDT COMANDOLI			
6. CPF: 007.198.799-14		7. Endereço (Rua, n.º): Rua José da Costa Miranda Centro casa PRESIDENTE NEREU SANTA CATARINA 89184000	
8. Nacionalidade: BRASILEIRO		9. Telefone: 47988251477	10. Outro Telefone:
		11. Email: cris.comandoli@hotmail.com	
<p>Termo de Compromisso: Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas complementares. Comprometo-me a utilizar os materiais e dados coletados exclusivamente para os fins previstos no protocolo e a publicar os resultados sejam eles favoráveis ou não. Aceito as responsabilidades pela condução científica do projeto acima. Tenho ciência que essa folha será anexada ao projeto devidamente assinada por todos os responsáveis e fará parte integrante da documentação do mesmo.</p>			
Data: <u>05 / 10 / 2018</u>		<u>Cristiane D. Comandoli</u> Assinatura	
INSTITUIÇÃO PROPONENTE			
12. Nome: FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SC UDESC		13. CNPJ: 83.891.283/0001-36	14. Unidade/Órgão:
15. Telefone: (48) 3321-8170		16. Outro Telefone:	
<p>Termo de Compromisso (do responsável pela instituição): Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas Complementares e como esta instituição tem condições para o desenvolvimento deste projeto, autorizo sua execução.</p>			
Responsável: <u>Julice Dias</u>		CPF: <u>634.586.409-91</u>	
Cargo/Função: <u>Diretora geral</u>			
Data: <u>05 / 10 / 2018</u>		 Julice Dias Diretora Geral - FAED/UDESC Matrícula: 1403-8-01	
PATROCINADOR PRINCIPAL			
Não se aplica.			

GABINETE DO REITOR

DECLARAÇÃO DE CIÊNCIA DAS INSTITUIÇÕES ENVOLVIDAS

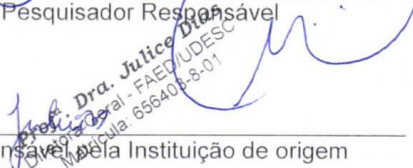
Com o objetivo de atender às exigências para a obtenção de parecer do Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos, os representantes legais das instituições envolvidas no projeto de pesquisa intitulado "**As diferentes formas de comunicação entre os bebês e adultos no cotidiano de uma creche pública**". Declaram estarem cientes com seu desenvolvimento nos termos propostos, lembrando aos pesquisadores que no desenvolvimento do referido projeto de pesquisa, serão cumpridos os termos da resolução 466/2012, 510/2016 e 251/1997 do Conselho Nacional de Saúde.

Florianópolis

Local, 02 / 10 / 2018

Cristiane D. Comandoli

Ass: Pesquisador Responsável


 Dra. Julice Dias
 Diretora Geral - FAED/UDESC
 Matrícula: 656408-8-01

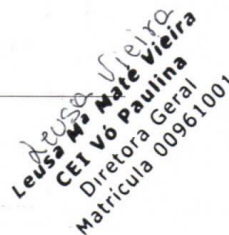
Ass: Responsável pela Instituição de origem

Nome: Julice Dias
 Cargo: Diretora Geral
 Instituição: FAED/UDESC
 Número de Telefone: (48) 991673678

Leusa Mate Vieira

Ass: Responsável de outra instituição

Nome: Leusa Mate Vieira
 Cargo: Diretora
 Instituição: CEI Vó Paulina
 Número de Telefone: (47) 3362-10-38


 Leusa Mate Vieira
 Diretora Geral
 Matrícula 00961001

Anexo B - Habilidades comunicativas que os bebês desenvolvem em suas interações no espaço do berçário

A partir de cada observação durante o período de pesquisa registrei as habilidades comunicativas de cada bebê organizando em um protocolo de observação que identifica as interações com seus pares e com as professoras conforme as ações e reações no cotidiano da creche e no berçário.

Protocolo de observação / Início da pesquisa em fevereiro de 2019

NOME: Ana Laura

IDADE: 06/05/2017 / 21 meses

Habilidades Comunicativas

1- Inicia a conversação: Não

2- Responde ao interlocutor: Dificilmente

3- Participa da atividade dialógica: Não

4- Solicita objetos: Sim

5- Protesta, reclama, interrompe – Sim

Quando? Desconforto com a situação vivida

Por que? Sim, principalmente quando se vê cercada por outras crianças, pois, Ana Laura prefere ficar sozinha. E isto irrita ela, e a forma como se comunica nestes momentos é pelo choro e tremedeira.

6- Utiliza gestos – Quais? Choro, olhar, mãos

7- Compreende as ordens com ações: Sim

8- Desiste da atividade quando surge algum obstáculo: Sim, mas se irrita com a não realização de seu objetivo.

9- Demonstra compreensão da linguagem oral: Sim

- Tempo de atenção curto, explorando os objetos de modo rápido e superficial: A criança fica bastante tempo explorando objetos, manuseando e observando.

10- Persiste / Desiste da atividade quando surge algum obstáculo, tentando superá-lo: Persiste nas atividades que possam ser desafios individuais a ela. Não persiste quando se trata de disputa de brinquedos ou objetos com outras crianças, nestes momentos ela abandona a disputa.

11- Demonstra compreensão da linguagem oral: Sim.

12- Comunica –se com outros bebês / como? Não. Raramente se relaciona, com olhar às vezes, mas ela isola – se, procura cantos e espaços livres na sala, defronte a televisão, canto da janela, piscina de bolinha quando está vazia, sem crianças, por vezes, ignora a

presença dos outros, como se eles não estivessem ali, mas se algum tentar se relacionar ela se afasta.

13- Expressa desconforto com alguma situação: Sim

Qual situação? Quando se sente ameaçada, presa, como por exemplo a cadeira do refeitório, pessoas estranhas no ambiente, seja criança ou adulto.

Qual gesto? Choro, tremedeira, demonstra irritação.

14- Quando deseja algo qual gesto comunicativo utiliza: Choro, resmungo e tremedeira.

15- Interage em pares: Não. A interação se realiza somente com as professoras.

Fonte: Elaborado pela autora, em 2018.

Protocolo de observação

NOME: Antônio

IDADE: 21/10/2017/ 16 meses

Habilidades Comunicativas

1- Inicia a conversação: Sim

2- Responde ao interlocutor: Sim

3- Participa da atividade dialógica: Sim

4- Solicita objetos: Sim

5- Protesta, reclama, interrompe –Sim

Quando? Está com sono, fome, irritação com outros bebês, cansaço, é mordido, choro.

Por que? Comunica – se com as professoras expressando seu desconforto

6- Utiliza gestos – Quais? Aponta com os dedos, algumas falas balbuciadas com sílabas tônicas, chora, mostra alguma parte do corpo que foi mordida.

7- Compreende as ordens com ações: Sim

8- Desiste da atividade quando surge algum obstáculo: Não, ele é persistente, tanto nas disputas por brinquedos, e só desiste mesmo quando percebe que não conseguirá conquistar o objeto ou espaço disputado, bem como numa atividade física, ele tenta chutar a bola de muitas maneiras, explorar locais com desafios, subindo escadas, entrando em caixas de papelão.

9- Demonstra compreensão da linguagem oral: Sim

10- Persiste / Desiste da atividade quando surge algum obstáculo, tentando superá-lo: Ele é persistente, não desiste com facilidade.

11- Demonstra compreensão da linguagem oral: Sim

12- Comunica –se com outros bebês / como? Sim, com empurrões, olhares,

13- Expressa desconforto com alguma situação:

Qual situação? Quando está cansado, com sono, quando é mordido, está sede, irritado com o calor.

Qual gesto? Choro, resmungo com choro, coça os olhos, e fica inquieto.

14- Quando deseja algo qual gesto comunicativo utiliza: Aponta com o dedo mostrando em direção ao local ou objeto desejado, resmunga e olha em direção ao objeto, bebê, local.

15- Interage em pares: Sim, muitas vezes ele quem inicia a interação, a busca pelo outro, jogando bola para o bebê, empurrando e saindo correndo, pulando na frente da criança, apontando para os locais que deseja ir.

Fonte: Elaborado pela autora, em 2018.

Protocolo de observação

NOME: Alberto

IDADE: 13/04/2018 /10 meses

Habilidades Comunicativas

1- Inicia a conversação: Sim

2- Responde ao interlocutor: Às vezes – com o olhar

3- Participa da atividade dialógica: Sim

4- Solicita objetos: Não

5- Protesta, reclama, interrompe – Sim

Quando? Está com sono, cansado, é mordido,

6- Utiliza gestos – Quais? Choro coça os olhos, empurra as crianças, grita,

7- Compreende as ordens com ações: Sim

8- Desiste da atividade quando surge algum obstáculo: Sim

9- Demonstra compreensão da linguagem oral: Sim

10- Persiste / Desiste da atividade quando surge algum obstáculo, tentando superá-lo: Desiste facilmente, e a reação da desistência é o choro, e ele vem até a professora Gesseli chorando e resmungando, repassando a ela o que aconteceu, ela conversa com ele sobre o que aconteceu, cita algumas subjeções e ele a ouve, logo em seguida ele relaxa.

11- Demonstra compreensão da linguagem oral: Sim

12- Comunica –se com outros bebês / como? Sim, com o olhar, sorriso, balbucios como:
- Uh! Uh! Como se quisesse dizer, olha, vamos, vem...

13- Expressa desconforto com alguma situação: Sim

Qual situação? Sono

Qual gesto? Choro

14- Quando deseja algo qual gesto comunicativo utiliza: Balbucios, como se estivesse reclamando, falando, com entonações nesses sons...

15- Interage em pares: Sim, às vezes circula pela sala sozinho e procura por objetos para brincar, quando encontra algum brinquedo, ele pega e leva até um bebê, mostra para ele e sai com este brinquedo.

Fonte: Elaborado pela autora, em 2018.

Protocolo de observação

NOME: Bryan

IDADE: 26/08/2018 / 06 meses

Habilidades Comunicativas

1- Inicia a conversação: Sim – com balbucios, movimento de braços e pernas, sorrisos e levantar de sobrancelhas.

2- Responde ao interlocutor: Sim

3- Participa da atividade dialógica: Sim

4- Solicita objetos: Não

5- Protesta, reclama, interrompe – Sim

Quando? Sono, fome

6- Utiliza gestos – Quais? Olhares, sorrisos, movimentos de braços e pernas, mexer de sobrancelhas, olhos arregalados, choro, gritos, balbucios com irritação alternados com choro e coçar dos olhos, balbucios com movimentos alternados de pernas e braços

7- Compreende as ordens com ações: Às vezes

8- Desiste da atividade quando surge algum obstáculo:

9- Demonstra compreensão da linguagem oral: Sim

10- Persiste / Desiste da atividade quando surge algum obstáculo, tentando superá-lo: Se o obstáculo for o sono, ele grita e chora muito, e não sossega até dormir, se for fome, ele faz choros alternados e movimentos corporais.

11- Demonstra compreensão da linguagem oral: Sim

12- Comunica –se com outros bebês / como? Sim, olhares e movimentos, sorrisos

13- Expressa desconforto com alguma situação: Quando não é atendido prontamente

Qual situação? Alimentação

Qual gesto? Na mesma situação, choro, movimento de pernas e braços e inquietação

14- Quando deseja algo qual gesto comunicativo utiliza: Choro

15- Interage em pares: Somente com a professora, algumas vezes com outros bebês, mas não partindo dele a interação, os bebês passam por ele na sala do berçário, ele está pelo chão ou em seu bebê conforto, eles entregam brinquedos, se abaixam e passam a mão nele, mas logo saem, e o bebê reage com sorrisos, olhos atentos aos movimentos deles, e movimentos corporais e faciais.

Fonte: Elaborado pela autora, em 2018.

Protocolo de observação

NOME: Deivid

IDADE: 29/09/2017 / 16 meses

Habilidades Comunicativas

1- Inicia a conversação: Sim

2- Responde ao interlocutor: Sim

3- Participa da atividade dialógica: Sim

4- Solicita objetos: Sim

5- Protesta, reclama, interrompe – Sim

Quando? Quando perde uma disputa por objetos em sala, quando é mordido, quando quer beber água.

6- Utiliza gestos – Quais? Balbucios tônicos, aponta para os objetos ou lugares com dedos, sorrisos, olhares, abraços,

7- Compreende as ordens com ações: Sim

8- Desiste da atividade quando surge algum obstáculo: Não, ele não desiste, pelo contrário ele é muito persistente, e utiliza meios para conseguir o objeto desejado ou um espaço, um lugar, ele morde o outro bebê, empurra, morde de novo, esconde o objeto quando já o possui, se ele deseja conquistar, arranca da mão do outro, puxa, empurra, derruba, mas tenta.

9- Demonstra compreensão da linguagem oral: Sim

10- Persiste / Desiste da atividade quando surge algum obstáculo, tentando superá-lo: Sempre tenta superar.

11- Demonstra compreensão da linguagem oral: Sim

12- Comunica –se com outros bebês / como? Sim, com empurrões, olhares, empurra o bebê e sai correndo com sorrisos, como se estivesse chamando para a brincadeira, e o outro compreende e vai atrás, na maioria das vezes.

13- Expressa desconforto com alguma situação: Sim

Qual situação? Sede

Qual gesto? Aponta com o dedo em direção a água

14- Quando deseja algo qual gesto comunicativo utiliza: Balbucios tônicos

15- Interage em pares: Sim, muitas vezes ele inicia a interação, com olhares, pulos e sorrisos, abraça e beija quando encontra um bebê menor que ele, e isto a maioria dos bebês fazem com os menores.

Fonte: Elaborado pela autora, em 2018.

Protocolo de observação

NOME: Esmeralda

IDADE: 29/10/2017 / 16 meses

Habilidades Comunicativas

1- Inicia a conversação: Sim

2- Responde ao interlocutor: Não

3- Participa da atividade dialógica: Às vezes

4- Solicita objetos: Sim

5- Protesta, reclama, interrompe –Sim

Quando? Sente – se irritada com a aproximação de outro bebê, ele gosta de se aproximar, porém não aceita muito quando outro bebê tenta se relacionar

6- Utiliza gestos – Quais? Olhares fixos, jeito sério, mordidas e gritos altos, choros repentinos e rápidos

7- Compreende as ordens com ações: Sim

8- Desiste da atividade quando surge algum obstáculo: Às vezes

9- Demonstra compreensão da linguagem oral: Sim

10- Persiste / Desiste da atividade quando surge algum obstáculo, tentando superá-lo: Ela desiste com mais facilidade do que persiste, prefere ao invés da disputa, reclamar

com choros e gritos repentinos, se tiver algum obstáculo na conquista por espaço ou objeto ele opta por chorar e gritar, vai até a professora e reclama com choro e balbucios, apontando para o bebê a qual teve o conflito, esperando para que a professora resolva a situação, a professora conversa: - O que houve, não se entendeu com o amiguinho foi isto? O bebê olha para professora e aos poucos se acalma.

11- Demonstra compreensão da linguagem oral: Sim

12- Comunica –se com outros bebês / como? Sim, olhares, empurrões

13- Expressa desconforto com alguma situação: Sim

Qual situação? Quando se sente ameaçada, que algum outro bebê possa ocupar o seu lugar, seja ele próxima a professora, no tapete próximo aos brinquedos, ou em frente e televisão Quais gestos comunicativos utiliza: Empurrões e fortes balbucios com entonações, como se estivesse xingando e dizendo: - Sai daqui, este é meu lugar.

15- Interage em pares: Sim, poucas vezes, prefere a presença da professora

Fonte: Elaborado pela autora, em 2018.

Protocolo de observação

NOME: José

IDADE: 15/09/2019 17 meses

Habilidades Comunicativas

1- Inicia a conversação: Não

2- Responde ao interlocutor: Não

3- Participa da atividade dialógica: Não

4- Solicita objetos: Às vezes

5- Protesta, reclama, interrompe – Poucas vezes, somente quando perde controle da situação, no caso quando perde a disputa de um objeto

Quando? Desconforto com a situação vivida

6- Utiliza gestos – Quais? Olhares, empurrões, mordidas

7- Compreende as ordens com ações: Sim

8- Desiste da atividade quando surge algum obstáculo: Não

9- Demonstra compreensão da linguagem oral: Sim

10- Persiste / Desiste da atividade quando surge algum obstáculo, tentando superá-lo: Ele insiste por duas vezes, se não conseguir o desejado ele desiste, mas fica olhando

fixamente para o bebê a qual disputou e para o objeto, como se estivesse inconformado, se isola, fica reflexivo, circula pela sala do berçário.

11- Demonstra compreensão da linguagem oral: Sim

12- Comunica –se com outros bebês / como? Sim, com olhares, sorrisos e empurrões, gosta de abraçar e beijar, quando mordeu ou empurrou algum bebê, faz este gesto e sai olhando fixamente para o bebê, este o olha também fixamente, logo se dispersando com outras atividades.

13- Expressa desconforto com alguma situação: Sim

Qual situação? Quando está com sono

Qual gesto? Choro curto e baixo, anda pela sala coçando os olhos e mordendo em sua frente aparecer, e se ele encontrar seu pato de pelúcia, senta – se no tapete emborrachado da sala e abraça o pato, olhando para a professora.

14- Quando deseja algo qual gesto comunicativo utiliza: Aponta com os dedos

15- Interage em pares: Sim

Fonte: Elaborado pela autora, em 2018.

Protocolo de observação

NOME: Marcos

IDADE: 03/12/2017 / 15 meses

Habilidades Comunicativas

1- Inicia a conversação: Não

2- Responde ao interlocutor: Não

3- Participa da atividade dialógica: Às vezes

4- Solicita objetos: Às vezes

5- Protesta, reclama, interrompe – Sim

Quando? Desconforto com alguma coisa, irrita – se fácil, não se interessa pela interação com outros bebês, prefere a presença da professora, quando está com sono

6- Utiliza gestos – Quais? Choro, olhar

7- Compreende as ordens com ações: Sim

8- Desiste da atividade quando surge algum obstáculo: Sim, prefere não disputar objeto nenhum, se alguém quiser lhe tomar um brinquedo ou um lugar, ele chora e vai para perto da professora chorando, a professora conversa: - O que houve, porque você está chorando, vai brincar, procure se acalmar...

9- Demonstra compreensão da linguagem oral: Sim

10- Persiste / Desiste da atividade quando surge algum obstáculo, tentando superá-lo: Sim, a maioria das vezes desiste facilmente e sai chorando da disputa pelo brinquedo, olhando para o bebê que conquistou o objeto disputado.

11- Demonstra compreensão da linguagem oral: Sim

12- Comunica –se com outros bebês / como? Sim, empurrões, sorrisos, ele conquista a companhia dos bebês com sorrisos e abraços.

13- Expressa desconforto com alguma situação: Sim

Qual situação? Sono

Qual gesto? Choro

14- Quando deseja algo qual gesto comunicativo utiliza: Olhar e apontar com os dedos

15- Interage em pares: Sim, mas prefere a interação e aproximação da professora.

Fonte: Elaborado pela autora, em 2018.

Protocolo de observação 02 / professoras – Roteiro

Observar as relações de interações abaixo em situações como:

1- Adulto – Ação - Criança

2- Adulto – Material - Criança

Protocolo de observação das professoras e as ações comunicativas desenvolvidas com os bebês/interações
Identificação: Gesseli Rech
NOME: Gesseli Rech
FORMAÇÃO ACADÊMICA: Pedagoga
TEMPO DE ATUAÇÃO NA INSTITUIÇÃO: 02 anos
AÇÕES/ ATIVIDADES
1- Compreendem os gestos comunicativos dos bebês? (X) sim () não
2- Quais gestos comunicativos compreendem? (X) sonoro (X) visual (X) corporal (X) choro (X) outro
3- Incentivam habilidades comunicativas (expressivas) nos bebês? (X) sim () não
4- Quais recursos materiais utilizam para desenvolver as habilidades comunicativas com os bebês nas interações? Peças de encaixe, bolas, livros,

caixas de papelão, brinquedos
5- Realizam atividades pedagógicas para o desenvolvimento comunicativo dos bebês? (X) sim () não Leitura
6- Planejam as atividades pedagógicas antecipadamente? () sim () não (X) às vezes
7- Ao desenvolver ações pedagógicas como as brincadeiras, cantigas, diálogo; potencializam a comunicação nos bebês? (X) sim () não Quais estratégias comunicativas são potencializadas: Movimentos corporais – sonoros -
8- Desenvolvem projetos que estimulam a comunicação nos bebês? () sim (x) não Qual – Quais ?

Quadro elaborado pela autora

Protocolo de observação 02 / professoras – Roteiro

Observar as relações de interações abaixo em situações como:

3- Adulto – Ação - Criança

4- Adulto – Material - Criança

Protocolo de observação das professoras e as ações comunicativas desenvolvidas com os bebês/interações
Identificação: Joseane
NOME: Joseane
FORMAÇÃO ACADÊMICA: Ensino Médio completo
TEMPO DE ATUAÇÃO NA INSTITUIÇÃO: 10 anos
AÇÕES/ ATIVIDADES
9- Compreendem os gestos comunicativos dos bebês? (X) sim () não
10- Quais gestos comunicativos compreendem? (X) sonoro (X) visual (X) corporal (X) choro () outro
11- Incentivam habilidades comunicativas (expressivas) nos bebês? (X) sim () não
12- Quais recursos materiais utilizam para desenvolver as habilidades comunicativas com os bebês nas interações? Peças de encaixe, bolas, livros,

caixas de papelão, brinquedos
13- Realizam atividades pedagógicas para o desenvolvimento comunicativo dos bebês? () sim () não (X) às vezes
14- Planejam as atividades pedagógicas antecipadamente? () sim () não (X) às vezes
15- Ao desenvolver ações pedagógicas como as brincadeiras, cantigas, diálogo; potencializam a comunicação nos bebês? (X) sim () não Quais estratégias comunicativas são potencializadas: Movimentos corporais – sonoros – diálogos -
16- Desenvolvem projetos que estimulam a comunicação nos bebês? () sim (X) não Qual – Quais?

Quadro elaborado pela autora

**Estratégias comunicativas utilizadas por cada bebê pesquisado durante o período
das observações**

Bebês	Fazem	Atos comunicativos	Objetos	Espaços
Ana Laura – 06/05/2017 * 1 ano e 09 meses	Resmunga, organiza os objetos em fileira, sorri, observa as crianças, choraminga, se retrai, se isola	Olhar, gestos, sons, choro, sons como balbucios, sorrisos	Comidas(milho e brócolis), bolas de borracha e de plástico , objetos menores	Sala de berçário, piscina de bolinha, em frente a televisão, parque
Antônio – 21/10/2017 * 1 ano e 04 meses	Estimula os amigos, anda pela sala, desiste dos objetos disputados, pede as coisas	Olhar, gesto com as mãos, abraça, sorrisos, choro, mordidas, fala com vogais tônicas	bolas, brinquedos de montar,	sala de berçário
Alberto – 13/04/2018 * 10 meses	Chora muito, resmunga, cheira paninho para dormir	Olhar, choro, gestos, sorrisos, aponta com dedos	paninho, brinquedos	sala de berçário, refeitório
Bernardo – 20/08/2018 * 05 meses	Movimenta as pernas e braços, mão, olhos, acompanha sons com os olhos e com a cabeça, chora, resmunga	Olhar, choro, sorrisos, gesto corporal	bolas, mordedores	sala de berçário
Deivid – 29/09/2017 * 01 ano e 05 meses	Olha fixo nos olhos da professora e das crianças,	Olhar, gesto, mordida, empurrões, choro, fala com vogais tônicas, sorriso	brinquedos diversos	sala de berçário, refeitório
Elena – 29/10/2017 * 01 ano e 04 meses	Grita, disputa brinquedo, olha fixo para os outras crianças, empurra, belisca	Olhar, gesto, mordidas, choro, empurrões, abraça, sorriso	brinquedos diversos	sala de berçário, refeitório
José – 15/09/2017 * 01 ano e 05 meses	Empurra, beija as crianças, passa a mão na cabeça delas, após bater, derruba, adora pato de pelúcia utiliza para dormir	Olhar, empurrão, choro, gesto corporal, sorriso, abraça	brinquedos diversos	sala de berçário, refeitório
Marco– 03/12/2017 * 01 ano e 02 meses	Circula pela sala, chora, desiste dos brinquedos disputados, não bate nem morde,	Olhar, choro, sorriso, abraça, empurrão, fala com balbucios	brinquedos diversos	sala de berçário. refeitório

